

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

BEATRIZ ALVES LEANDRO

PAPA FRANCISCO E A EMERGÊNCIA DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**SÃO PAULO
2020**

BEATRIZ ALVES LEANDRO

PAPA FRANCISCO E A EMERGÊNCIA DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais sob a orientação do Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho

SÃO PAULO
2020

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marijane Vieira Lisboa

Prof. Dr. Harald Sá Peixoto Pinheiro

Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura:

Data: 23 de janeiro de 2020

E-mail: beatriz.leandro@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema para Geração Automática de Ficha Catalográfica para Teses e Dissertações com dados fornecidos pelo autor

LEANDRO, BEATRIZ
PAPA FRANCISCO E A EMERGÊNCIA DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
/ BEATRIZ LEANDRO. -- São Paulo: [s.n.], 2020.
95p. il. ; cm.

Orientador: Edgard Carvalho.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) --
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências
Sociais, 2020.

1. Papa Francisco; Pensamento complexo; . 2.
Emergência climática;. 3. Laudato Si';Teorias do
Sul; . 4. Estudos pós-coloniais. I. Carvalho, Edgard
. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências
Sociais. III. Título.

CDD

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico– Brasil (CNPq) – Número de Processo:
130039/2019-5

*This study was financed in part by the Improvement
National Council for Scientific and Technological Development – Brazil (CNPq) –
process number: 130039/2019-5*

AGRADECIMENTOS

Ao Thomas, meu filho-luz.

Aos meus pais, Heloisa e Lister. Para Cida, Vivian e Isabel. Aos primos-irmãos Eric e Anic.

Ao Núcleo de Estudos sobre a Complexidade, em especial ao meu orientador Edgard Carvalho. A Edmilson Felipe, Sydney Cincotto Jr., Vivian Blaso, Marcos Giácomo, Maria Cristina Fernandes, Paulo Ramos, Luiza Novaes, Thatiana Cappellano, Ana Júlia Ribeiro, Clayton França, Rafael Morales.

Ao corpo docente da PUC-SP, nominalmente Miguel Chaia, Silvana Tórtora, Marisa Werneck, Marijane Lisboa, Lúcia Rangel, Antônio Valverde, Carmen Junqueira, Rafael Araújo, Terra Budini e Luiz Eduardo Wanderley.

Aos amigos desta jornada, com afeto: Tatiana Ottoboni Chaves, Camila Leoni Katamura, Moisés Cunha, Oswaldo Kaiona, Thiago Prada, Anamaría Vargas, Thais Grencevicius, Camila Machion, Marcello Novaes, Bruno Maschio, Rafael Balseiro, Fabio Mariano, Lilian Tropardi, Alexandre Tobias, Talita Vinagre, Vilma Bokany, Juliana Fratini, Sandra Cavalcanti, Raquel Borges, Leandro Alves Machado, Priscila Arantes, Flavia Ayres, Nora Rätzhel, Patricia Vieira Tropa.

Aos companheiros da vida: Ana Cernov, Clair Ruppert, Carolina Albuquerque, Michelle Rusche, Adriana Guimarães, Renata Boulos, João Amorim Neto, Isabel Pato, Maíra Junqueira, Thais Bortolato, Jean Tible, Kleber Oliveira, Fernando Santomauro, Michael Gibbons, Kjeld Jakobsen (in memoriam), Giorgio Romano, Ricardo Azevedo, Regina Queiroz, Vanice Kapaz, Sérgio Tamada, Thiago Gomes, família Tsuda, Renato Coelho Passarinho, Tatiana Hares, Norah Russo, Ciro Bonilha, Catharina Öhman, Pedro Ivo Batista, Marcela Escribano, Ana Almeida. Aos meus antepassados indígenas apagados da história.

A todos os heróis anônimos que deram – e dão – suas vidas para a utopia (“o inédito possível”) de um mundo fraterno e igualitário com respeito à nossa Casa Comum, aos bichos e plantas – nossos parentes distantes.

EPÍGRAFE

“A alma humana é um pedaço da natureza, talhado no estofo dos elementos. O divino é o fundo da natureza, o tecido inesgotável, a tapeçaria sempre em movimento onde, sem fim, se desenham e apagam as formas”.
- Jean-Pierre Vernant. *Mito e pensamento entre os gregos* (1990, p. 450).

He no longer dreamed of storms, nor of women, nor of great occurrences, nor of great fish, nor fights, nor contests of strength, nor of his wife. He only dreamed of places now and of the lions on the beach. They played like young cats in the dusk and he loved them as he loved the boy. He never dreamed about the boy.
- Ernest Hemingway, *The Old Man and the Sea*.

DEDICATÓRIA

*Para meu irmão, Marcelo Pd (in memoriam).
Um peixe de escamas douradas que faz a festa no céu.*

RESUMO

Este projeto visa examinar a Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS) – Sobre a Casa Comum do Papa Francisco (2015), assim como os discursos e ações do Santo Padre à luz do pensamento complexo (Morin, 2000, 2011a, 2011b, 2015), Serres (1999, 2003, 2004, 2005) e do pensamento selvagem (Lévi-Strauss 1979; 1985; 2004; 2012; 2013). O Papa Francisco é um jesuíta poliédrico que propõe um novo “paradigma do ser humano como Terra”: “*Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.*” (LS, 2). Ele propõe a adoção de uma perspectiva da Ecologia Integral em resposta à crise socioambiental provocada pelo racionalismo cartesiano que produziu “rupturas éticas na relação trinitária indivíduo/ sociedade/ espécie (Morin 2011, p. 24)”. Pretendemos investigar a importância e as ressonâncias da Encíclica, um documentário planetário que invoca a “regeneração do progresso” e uma visão sistêmica para enfrentarmos a crise humanitária e ambiental que padece nossa Casa Comum.

Palavras-chave: Papa Francisco; Pensamento complexo; Pensamento Selvagem; Emergência climática; *Laudato Si'*; Teorias do Sul; Estudos pós-coloniais

ABSTRACT

This project aims to examine Pope Francis' Encyclical Letter *Laudato Si'* (LS) – On Care for Our Common Home (2015), as well as the speeches and actions of the Holy Father in the light of complex thought (Morin, 2000, 2011a, 2011b, 2015), Serres (1999, 2003, 2004, 2005) and the savage mind (Lévi-Strauss 1979; 1985; 2004; 2012; 2013). Pope Francis is a polyhedral Jesuit who proposes a new “paradigm of the human being as Earth”: “We have forgotten that we ourselves are dust of the Earth (cf. *Gen 2:7*); our very bodies are made up of her elements, we breathe her air and we receive life and refreshment from her waters. (LS, 2)”. Pope Francis stresses the need for an “integral ecology” in response to the socio-environmental crisis and the ethical rift in the triad of “individual–society–species (Morin 2011, p. 24)”. We intend to investigate the importance and the resonances of the Encyclical - a planetary text that invokes the “regeneration of progress” and a systemic vision to face the humanitarian and environmental agony in our Common Home.

Keywords: Pope Francis; Complex thinking; Savage Mind; Climate emergency; *Laudato Si'*; Southern Theories; Postcolonial studies

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Papa encontra Greta (abril 2019)	42
Figura 2: Sínodo da Amazônia (outubro 2019)	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – O ANTROPOCENO E A RELIGIÃO	16
1.1 O ANTROPOCENO	16
1.2 O PAPA FRANCISCO E A RELIGAÇÃO DAS CIÊNCIAS	22
1.3 RESSONÂNCIAS DA LAUDATO SI': ACORDO DE PARIS E GRETA THUNBERG	37
CAPÍTULO 2 - O PAPA FRANCISCO E A RELIGAÇÃO DA NATUREZA E CULTURA	46
2.1 A TERRA SEM MAL E A HIPERPOLÍTICA	64
CAPITULO 3 – PAPA FRANCISCO : POR UMA NOVA EPISTEMOLOGIA DO SUL?	69
3.1 TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: UM APANHADO HISTÓRICO	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
BIBLIOGRAFIA	855
PORTAIS ACESSADOS	95

INTRODUÇÃO

A ciência moderna, na busca de sua autonomia em relação ao pensamento religioso, acabou por separar-se da filosofia, do senso comum, das artes e da política. A lógica cartesiana se sobrepôs então às diversas formas de conhecimento. O surgimento da tecnociência, por exemplo, é uma forma de conhecimento científico dirigido por critérios majoritariamente tecnológicos. Esse paradigma ocidental se caracteriza por ser disjuntor-reductor, ou seja, por separar (disjuntar) ciência e filosofia e por reduzir (reducionismo) o que é complexo ao que é simples. O pensamento disjuntor-reductor simplificou e fragmentou a realidade.

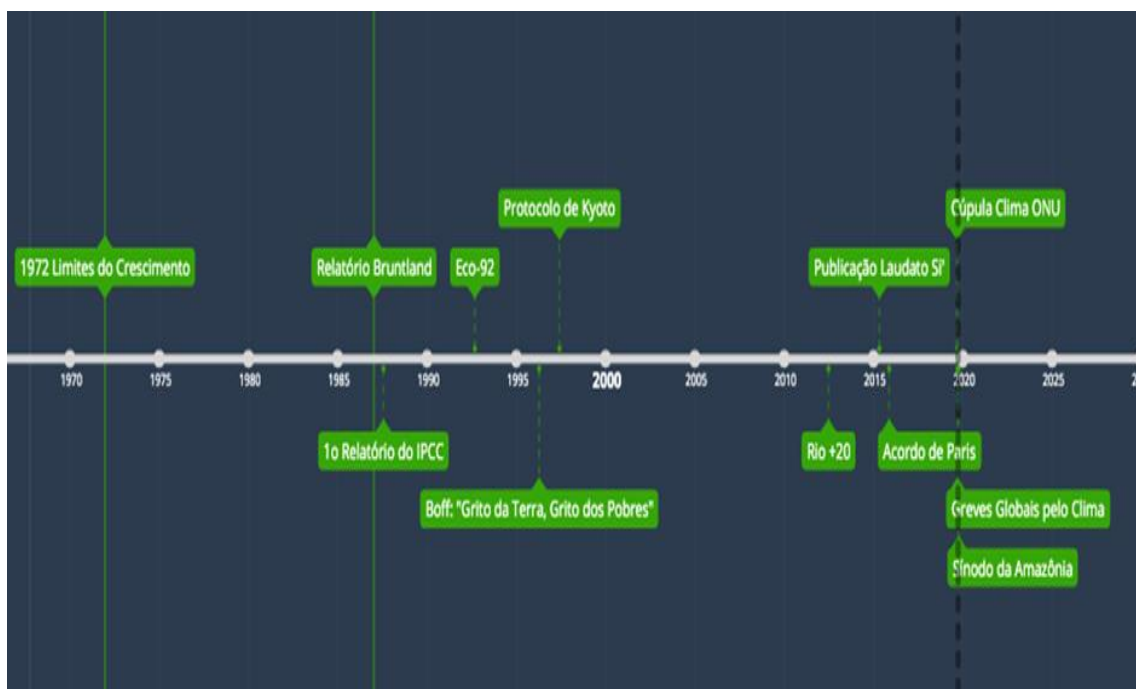
O Papa Francisco propõe, com a *Laudato Si'*, uma “regeneração do progresso” com a adoção de uma visão sistêmica da catástrofe ecológica que padecemos, onde nenhum ramo do conhecimento pode ser preterido. Em outras palavras, ele defende um novo olhar da ciência que perceba os seres vivos como sistemas sociais e ecossistemas interdependentes.

É a primeira vez que a autoridade suprema da Igreja Católica adota um discurso sistêmico no sentido de uma ecologia integral. Nesse sentido, esta dissertação se aterá ao estudo da Encíclica e dos discursos do Papa Francisco, examinando-os a partir do pensamento complexo e selvagem e seu chamado à ação urgente frente à emergência socioambiental e à religação da natureza e cultura.

Esperamos não nos afastar das verdades rígidas e expandir a compreensão dos dinamismos humanos, contribuindo para uma leitura sistêmica da crise ecológica e humanitária no Antropoceno através da interpretação e das ressonâncias da *Laudato Si'*.

CAPÍTULO 1 – O ANTROPOCENO E A RELIGIÃO

É possível dizer que, todos nós sem exceção estamos no mesmo barco: não apenas as crianças, não apenas toda a aldeia, não apenas todas as pessoas, mas todos os seres vivos. Todos nós. E ainda não sei bem dizer se as plantas são um pouco nossos parentes distantes. – Amós Oz, De repente, nas profundezas do bosque (2019, p. 47)



1.1 O ANTROPOCENO

Morin (1975, p. 59) argumenta que a natureza, a sociedade, a linguagem e a cultura coproduziram o homo sapiens em um processo que durou alguns milhões de anos. “A humanidade tem nascimentos múltiplos, prometendo, até, mais um novo nascimento depois de nós. O homem tem data de nascimento, mas o homem não a tem” (GEERTZ, 1966, apud MORIN, 1975, p. 59). Ou seja, todo ser humano tem uma única data de nascimento, diferentemente da humanidade.

A espécie humana começou a transformar visivelmente o meio ambiente há cerca de 400 mil anos, com o uso constante do fogo. Os homens começaram a abandonar o nomadismo e a sedentarizar-se fundando as primeiras aldeias a partir de 12.000 a.C. Aprenderam a produzir seus alimentos

(por volta de 9.000 a.C.) e a domesticar animais (em torno de 8.500 a.C.) (LANGANEY et al, 2002, p. 118).

Algumas espécies foram extintas e um décimo de toda a vegetação selvagem desapareceu em favor da agricultura (Brown, 2002, p. 169). Esta foi a transição do período Paleolítico (“pedra antiga”) ao Neolítico (“nova idade da pedra”) (Ibidem, 2002, p. 118), e batizada pelos geólogos de Holoceno (VEIGA, 2019, pp. 17-18). O nome vem do grego *holos* (todo ou inteiro) e *kainos* (novo), significando “inteiramente recente¹”.

Foi no Neolítico, portanto, que se confirmou o domínio do homem sobre as grandes artes da civilização: cerâmica, tecelagem, agricultura e domesticação de animais (LÉVI-STRAUSS, 2016, p. 30). A mudança ultrapassou uma simples inovação técnica: foi uma mutação única na humanidade (LANGANEY et al, 2002, p. 118).

Cada uma dessas técnicas supõe séculos de observação ativa e metódica, hipóteses ousadas e controladas, a fim de rejeitá-las ou confirmá-las através de experiências incansavelmente repetidas. (...) Para transformar uma erva silvestre em planta cultivada, uma besta selvagem em animal doméstico, para fazer aparecer em uma ou em outra propriedades alimentares ou tecnológicas (...), para elaborar técnicas, muitas vezes longas e complexas, que permitem cultivar sem-terra ou sem água; para transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos ou ainda utilizar essa toxicidade para a caça, a guerra ou o ritual, não duvidemos que foi necessária uma atitude de espírito verdadeiramente científico (...). (Lévi-Strauss, 2016, pp. 30-31).

O homem do Neolítico foi, assim, o herdeiro de uma longa tradição científica. Este seria o “paradoxo neolítico”: a ciência moderna remonta somente a alguns séculos; ao passo que aqueles avanços únicos ocorreram quando o conhecimento mágico e científico corriam em paralelo (LÉVI-STRAUSS, 2016, pp. 25-31). Logo, a magia e a ciência são oposições complementares: são dois níveis diferentes do pensamento científico. O pensamento selvagem (sensível) é mais próximo à percepção e imaginação, e,

¹ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY”. Disponível em:> https://en.wikipedia.org/wiki/Online_Etymology_Dictionary>. Acesso em 21/01/2020.

portanto, analógico. Ele aprofunda seu conhecimento com o auxílio de *imagines mundi*, construindo edifícios mentais que lhe facilitam a inteligência do mundo na medida em que se assemelham (Lévi-Strauss, 2016, p. 306). O pensamento domesticado (científico) seria seu oposto complementar: analítico e orientado para a relatividade e o determinismo (AUGER, 1960, p. 475, apud LÉVI-STRAUSS, 2016, p. 307).

O termo Antropoceno foi criado nos anos 1980 pelo biólogo norte-americano Eugene Stoermer e popularizado na década de 2000 por Paul Crutzen, Nobel de química holandês (ZALASIEWICZ, 2016). O termo também deriva do grego: *anthrōpos* (homem). *Anthropos* também pode ser explicado como um composto de *anēr* + *ops* (“olhos, rosto”); então, literalmente, significaria “aquele que tem a face de um homem²”.

O Antropoceno se refere à época em que as ações humanas começaram a provocar alterações biofísicas em escala planetária, e há controvérsias tanto sobre a validade do termo como seu início. Estabelecer o ponto de mutação do Holoceno para o Antropoceno é um dos tópicos mais controversos (VEIGA, 2019, p. 13). Alguns cientistas defendem um longo *Antropoceno*, dividido em subperíodos tais como a industrialização capitalista (1850-1950) e a “grande aceleração” das agressões humanas à biosfera (a partir da Segunda Guerra Mundial) (Ibidem, 2019, p. 33). No entanto, a maioria concorda com a necessidade de se abandonar uma visão linear e determinista do tempo histórico (UNESCO, 2018).

No início dos anos de 1970 os alertas se multiplicaram e os dados científicos se acumularam. O documento “Os limites do crescimento³” (1972)

² Op. cit.

³ Em 1968, o empresário italiano Aurelio Peccei, presidente honorário da Fiat, e o cientista escocês Alexander King se juntaram para promover um encontro, no qual seria discutido o futuro das condições humanas no planeta. A primeira reunião aconteceu em uma pequena vila em Roma, daí o nome de Clube de Roma. Em 1972, o grupo pediu a uma equipe de cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, sigla em inglês), liderada por Dennis e Donella Meadows, para elaborar um relatório intitulado “Os

apontou algo que se sustenta até hoje: o sistema global da natureza provavelmente não poderia suportar as taxas atuais de crescimento econômico e populacional muito além do ano 2100.

Neste mesmo ano, 1972, ocorreu a Conferência das Nações Unidas (ONU) sobre o Meio Ambiente Humano. Conhecida como “Conferência de Estocolmo”, foi a primeira grande reunião de chefes de estado para discutir a degradação ambiental. Em 1987, foi criado o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) para avaliar os impactos desses fenômenos sobre o clima. No mesmo ano, a ONU publicou o Relatório Brundtland intitulado “Nosso Futuro Comum” (*Our Common Future*)⁴ que traz a primeira definição de desenvolvimento sustentável:

“O desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades.”
- Relatório Brundtland

O documento também associou a degradação ambiental à social:

“Um mundo onde a pobreza e a desigualdade são endêmicas estará sempre propenso a crises ecológicas (...). O desenvolvimento sustentável requer que as sociedades atendam às necessidades humanas tanto pelo aumento do potencial produtivo como pela garantia de oportunidades iguais para todos.”
- Relatório Brundtland

As amplas recomendações feitas pela Comissão Brundtland levaram à realização da Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento em 1992 no Rio de Janeiro. Conhecida como “Eco-92” ou “Cúpula da Terra”, a conferência foi o ápice depois de duas décadas de

Limites do Crescimento”. Disponível em: <<https://www.clubofrome.org/report/the-limits-to-growth/>>. Acesso 21/01/2020.

Fonte: <https://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/clube-roma-relatorio-limites-crescimento-1972/> Acesso 21/01/2020.

⁴ Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future (1987). Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>>. Acesso em 21/01/2020.

trabalho desde Estocolmo. A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC do original em inglês: *United Nations Framework Convention on Climate Change*) é um tratado internacional resultante da Eco-92, assim como a Agenda 21 e a Carta da Terra.

A Conferência das Partes (COP) é o órgão supremo da UNFCCC e é a instância em que os governos negociam políticas referentes às mudanças climáticas anualmente⁵.

A Convenção sobre Diversidade Biológica, assinada na Eco-92 aproximou ambientalistas, povos indígenas e comunidades tradicionais trabalhando juntos para deter o avanço das transnacionais sobre a biodiversidade (LISBOA, 2009, p. 105). Embora o movimento ambientalista não seja um movimento religioso, ha vários pontos de contato entre ambos. Segundo Lisboa (2009, p. 101), ambos têm a percepção de que a natureza e a humanidade são mais do que um conjunto de propriedades materiais, e, portanto, têm uma forte rejeição à visão materialista dominante. Participantes da Eco-92 comentaram que o evento mais simbólico da conferencia ambiental foi a vigília inter-religiosa da qual participaram Dom Luciano Mendes de Almeida, Dom Helder Câmara e o Dalai Lama (Idem.).

Leonardo Boff foi o primeiro teólogo que integrou a ecologia na religião, articulando a questão do pobre e do oprimido à agressão ecológica por serem vítimas do mesmo sistema econômico. Seu livro “Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres” (1996) trata sobre a perda da “religação” como uma das causas da crise ecológica, a eco espiritualidade, a responsabilidade pelo planeta e o

⁵ A COP1, ou a primeira reunião da COP, foi realizada em Berlim, Alemanha, em 1995. Neste mesmo ano foi publicado o segundo relatório do IPCC, que só foi apresentado em 1996 na COP2, em Genebra. Os insumos deste relatório do IPCC embasaram a COP3 em Quioto que resultou no Protocolo de Quioto em 1997. Pela primeira vez, introduziram-se metas obrigatórias para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa.

chamado a uma nova ordem ecológica mundial. O Papa consultou Boff em 2014 no processo de elaboração da *Laudato Si*⁶.

A teoria da Terra como sistema começou a tornar-se hipótese científica na segunda metade dos anos 80 pela NASA (*National Aeronautics and Space Administration*) (Eli da Veiga, 2019: 64). Nesta conjuntura, a principal referência foi o estudo “*Pathways of Understanding: The Interactions of Humanity and Global Environmental Change* (Idem)”. A pesquisa foi uma tentativa explícita de mapear os principais sistemas e interações que confirmavam o fator humano nas mudanças ambientais globais. Na introdução, os cientistas sugerem que a Terra é uma nave espacial onde somos os astronautas responsáveis - “copilotos do planeta (Morin, 2011b, p. 198)” - por usar nossos recursos com sabedoria e garantir a harmonia interna (CIESIN, 1992)⁷. É o sentido da ecologia na Teologia da Libertação, segundo o qual o ser humano “co-pilota o processo evolucionário e se apresenta como um ser ético que assume a responsabilidade pelo destino de todo o planeta (Boff, 1996, p. 167)”. É também o sentido do conceito de “Terra-pátria” no pensamento complexo: a tomada de consciência da comunidade terrestre de destino dever ser o acontecimento-chave deste século (MORIN, 2011a p. 11; TORRES, 2019)⁸.

Para Deleuze, toda coisa, todo estado de coisa, todo corpo deve se abrir sobre o mundo que o envolve, e cada mundo sobre o “fora” que o agita (LAPOUJADE, 2015, p. 114). “O mundo inteiro é um ovo. A dupla diferenciação

⁶ Papa consulta Boff para escrever nova encíclica (out/2014).

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2014/10/02/papa-consulta-boff-para-escrever-nova-enciclica.htm> Acesso em 21/01/2020.

⁷ “This experience also makes us realize that **Earth itself is a kind of spacecraft, and we are all astronauts upon it**, hurtling along at amazing speed. Just as the inhabitants of a spacecraft must conserve supplies, keep their ship clean and strive to work together in harmony, we must do the same on Spacecraft Earth. If we are to enjoy a safe and successful mission, we must use our resources wisely, be good stewards of our environment and strive to improve our relationships.” (grifos nossos) In: *Pathways of Understanding: The Interactions of Humanity and Global Environmental Change* (1992). http://www.ciesin.org/documents/CIESIN1992PathwaysofUnderstanding_sm.pdf

⁸ Torres, Fagner. Mesa temática “Sociologia do Presente”. Jornadas Edgar Morin, SESC. São Paulo, 26/3/2019.

das espécies e das partes supõe sempre dinamismos espaço-temporais (DELEUZE, 2012, p. 204)”. Cada corpo forma um todo organizado, diferenciado, mas inseparável de um corpo completo e intensivo. Em outras palavras, somos sistemas vivos bio-antroposociais indissociáveis. A Declaração de Amsterdã sobre a Ciência da Terra⁹ (2001) demonstrou que cada corpo é inseparável do corpo intensivo - o sistema Terra - , assim como a complexidade destas relações:

A Terra se comporta como um sistema único e autorregulado, formado por componentes físicos, químicos, biológicos e humanos. As interações e feedbacks entre as partes são complexas e exibem variabilidade temporal e espacial em múltiplas escalas.
- Declaração de Amsterdã (2001)¹⁰

1.2 O PAPA FRANCISCO E A RELIGAÇÃO DAS CIÊNCIAS

“Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo”
- Voltaire

Serres (1999) argumenta que todo processo de conhecimento é uma mestiçagem. Ele defende um casamento entre as ciências humanas e as exatas (as ciências “duras”). Para um conhecimento pleno, o homem deveria fazer três viagens fundamentais: 1) pelo mundo; 2) pelo corpo social; 3) por todas as ciências. Ele pondera que as ciências humanas não têm metafísica – e que talvez a religião possa ser um caminho para iniciar esta viagem. A

⁹ Em 2001, o Programa Mundial de Pesquisas Climáticas (World Climate Research Program), em aliança com associações mundiais de geógrafos, biólogos e físicos publicaram a Declaração de Amsterdã sobre a Ciência da Terra. Os cientistas atestaram que a natureza das mudanças era sem precedentes: “A Terra está atualmente operando em um estado sem possível analogia com qualquer período anterior (Eli da Veiga, 2019, p. 65)”.

¹⁰ *Amsterdam Declaration on Earth System Science* (2001). Disponível em: <http://www.igbp.net/about/history/2001amsterdamdeclarationonearthsystemscience.4.1b8ae20512db692f2a680001312.html>> Acesso em 20/01/2020.

ciência é cultura humana, filha da filosofia e neta da religião (Ribeiro, 2020)¹¹: Papa Francisco configura-se, neste cenário, em um mensageiro na religação das ciências e do conhecimento.

Jorge Mario Bergoglio (1936) é o 266.º Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa jesuíta da história, o primeiro papa nascido no Sul Global, o primeiro latino-americano e o primeiro pontífice não-europeu em mais de 1.200 anos. Em maio de 1992, João Paulo II nomeou-o bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires. Um mês depois, recebeu a ordenação episcopal. Como lema, escolheu *Miserando atque eligendo* (“Com misericórdia o elegeu”) e no seu brasão inseriu o cristograma IHS (da sigla em latim *Iesus Hominum Salvator*, que significa "Jesus Salvador dos Homens"), símbolo da Companhia de Jesus. Tornou-se arcebispo de Buenos Aires em 1998 e foi elevado ao cardinalato em 2001. Foi eleito papa em 13 de março de 2013 (Vaticano, Biografia oficial, s/ data).

O próprio nome adotado, Francisco, deve-se ao fato d'o santo ser “exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral (...), um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo” (LS, 10). São Francisco (1182 – 1226), nascido em uma família abastada, em Assis, se converteu após adoecer gravemente. Ele vendeu todas suas posses e as entregou aos pobres, pois acreditava que só eles conhecem verdadeiramente o coração de Deus e Sua vontade (ALTEMEYER JR, 2016, p. 55). No final de sua vida, ele teria recebido a convocação de Deus: “Francisco, vai e repara a minha casa (FERREIRA, 2017)”.

¹¹ Sidarta Ribeiro (2020). Roda Viva 6/1/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=FI8a7ILKLgo>. Acesso em 7/1/2020

O santo então compõe o Cântico das Criaturas, considerado o primeiro grande poema da língua italiana (ALTEMEYER JR, 2016, p. 56). A primeira estrofe da *Laudato Si'* repete o Cântico das Criaturas:

Louvado sejas, meu Senhor (*Laudato Si', mi' Signore*)! Por nossa irmã, a mãe Terra (*per sora nostra matre terra*)! Que nos sustenta e governa (la quale ne sustenta et governa) / E produz frutos diversos e coloridas flores e ervas (*et produce diversi fructi con coloriti flori et herba*) (LS, 1)

São Francisco de Assis tratou como irmãos todos os membros de outras espécies, mostrando que a palavra de Deus poderia extrapolar as fronteiras da humanidade. “Em jogo estava agora o mundo, isto é, nossa casa comum e todos os seus habitantes, irmanados, a despeito de inúmeras diferenças, pelo idêntico vínculo com o Criador (FERREIRA, 2017)”.

A encíclica se inscreve dentro da colegialidade, pois valoriza as contribuições de dezenas de conferências episcopais do mundo inteiro. Acolhe também as contribuições de outros pensadores como os padres jesuítas Pierre Teilhard de Chardin e Juan Carlos Scannone, o teólogo agostiniano Romano Guardini, o poeta Dante Alighieri, o protestante Paul Ricoeur e o muçulmano sufi Ali Al-Khawwas (BOFF, 2015).

A beleza, que no Oriente é um dos nomes mais queridos para exprimir a harmonia divina e o modelo da humanidade transfigurada, mostra-se em toda parte: nas formas do templo, nos sons, nas cores, nas luzes, nos perfumes (LS, 235)

A Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS) – Sobre a Casa Comum foi publicada pelo Papa em 24 de maio de 2015. São 246 tópicos distribuídos em seis capítulos interligados que tratam de três eixos principais: a crise ecológica, o antropocentrismo moderno e a governança internacional. É a primeira vez que um Papa aborda o tema da ecologia integral, ou seja, uma nova visão do mundo e do ser humano. A encíclica questiona que tipo de mundo queremos deixar às crianças. “Esta pergunta não toca apenas o meio ambiente de maneira isolada, porque não se pode pôr a questão de forma fragmentária” (LS, 160).

Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir duma única maneira de interpretar e transformar a realidade. (...) **Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser preterida**, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria (LS, 63). (grifos nossos).

O uso predatório da natureza foi intensificado com a expansão do capitalismo mercantilista – as descobertas, o desenvolvimento de um mercado mundial e a Revolução Industrial. As relações de capital, trabalho e poder se movem historicamente *através*, e não em torno da natureza: a modernidade não age sobre a natureza, mas se desenvolve através da rede da vida (*web of life*). Moore chama esta síntese de "ecologia-mundo" capitalista (MOORE, 2012). Ao mesmo tempo, a razão tornou-se a única forma de acessar a realidade, que assumiu o comando do mundo e enrijeceu o saber (SERRES, 2001, p. 83).

O filme “O Ponto de Mutação” (MINDWALK, 1990) foi baseado no livro de mesmo nome de Fritjof Capra (1983) e dirigido por Bernt Capra. Na película, uma física norueguesa, um político e um poeta norte-americanos (interpretados respectivamente por Liv Ullmann, Sam Waterston e John Heard) passam um dia inteiro juntos no Mont Saint-Michel, na França. Eles debatem os avanços e limites da ciência face aos grandes problemas do século XX - degradação do meio ambiente, efeito estufa, assimetria econômica Norte-Sul e ameaça nuclear sob os prismas dos paradigmas cartesiano e sistêmico.

No filme, surge a figura de René Descartes, considerado o primeiro filósofo moderno. Ex-aluno de renomado colégio jesuíta em La Flèche, Descartes rompeu com a tradição escolástica e desmontou, com a lógica, os alicerces absolutos do pensamento religioso. A física norueguesa argumenta que Descartes foi o primeiro a ver “o mundo como um relógio”, e o relógio se tornou o modelo do cosmos. “Máquinas”, a natureza e o ser humano deveriam ser pensados em termos de fragmentos: desmontados, reduzidos em pedaços, analisados e reconstruídos. O corpo humano saudável seria como um relógio bem feito (MINDWALK, 1990).

O método da ciência moderna, portanto, proposto por Bacon e Descartes, foi a de subjugar a natureza, “certificados [os homens] de que nossa missão é dominá-la, sujeitá-la, conquistá-la (MORIN, 1975, pp. 20-21)”. O “excesso antropocêntrico” nos tempos modernos (LS, 116).

Contemporâneos, Bacon e Shakespeare conviveram na era Elisabetana, no auge do comércio entre o Novo e o Velho Mundo. Bacon, deslumbrado com as descobertas marítimas numa Inglaterra próspera e ao mesmo tempo escolástica, acreditava no mecanicismo como transformador da relação sociedade-natureza. “Obedecer a natureza é comandá-la (BACON, 1979)”.

A peça shakespeariana “A Tempestade” (1623) é sobre a política enquanto parte do desenvolvimento civilizatório. Ou seja, uma invenção ocidental. Próspero, um duque letrado e cultivado, e sua filha Miranda são jogados ao mar e se refugiam em uma ilha. A ilha deixa entrever um novo mundo, uma vez que, entre várias inspirações em Virgílio, Ovidio e Erasmo, Shakespeare utiliza-se claramente dos Ensaios de Montaigne e dos relatos de Viagens à América (Ilhas Bermudas e Virgínia) como, por exemplo, o relatório de William Strachey (MUIR, 1964, pp. 90-91; apud CHAIA, 1995).

A ilha simboliza um tempo primordial organizado por relações míticas e descentralizadas. Chegando nela, Próspero escraviza Caliban, ser disforme, filho da bruxa Sycorax (e verdadeiro herdeiro da ilha); e aprisiona Ariel, espírito encantado. Ele tem o poder integral sobre sua filha Miranda, a única mulher da peça. Justamente, a Tempestade trata sobre o domínio absoluto do homem ocidental sobre a natureza, a mulher e a magia; simboliza o começo da globalização e da expansão capitalista. Próspero institui na ilha uma política de Estado, conquistando o poder e o território. Ele desorganiza e organiza a

sociedade em sua maneira: todo Estado tem tendência invasiva e expansiva (CHAIA, 2019)¹².

Próspero – sinônimo de avanço, crescimento, progresso – torna-se o mestre dos seres vivos e inanimados, controla e provoca tormentas e fenômenos naturais e ofusca o sol do meio dia.

PROSPERO

*I have bedimm'd
The noontide sun, call'd forth the mutinous winds,
And 'twixt the green sea and the azured vault
Set roaring war: to the dread rattling thunder
Have I given fire and rifted Jove's stout oak
With his own bolt; the strong-bas'd promontory
Have I made shake and by the spurs pluck'd up
The pine and cedar (...)* (The Tempest, 1623. Ato V, cena 1)

Escureci o sol do meio-dia
O tumulto dos ventos conclamei,
Entre o verde do mar e o azul do céu
Criei a guerra, e ainda incendiei
O trovão que alucina, estraçalhando
De Júpiter o tronco do carvalho
Com o próprio raio – e o vasto promontório
Sacudi; e das bases arranquei
O pinho e o cedro (...)

(Tradução: HELIODORA 2017, pp. 434- 435)

Algumas análises relacionam Caliban ao “selvagem” ou ao negro habitantes do Novo Mundo, escravizados e vítimas do colonialismo¹³. Preferimos ver Caliban enquanto ser orgânico e representante das forças primitivas: como a natureza que foi domesticada e deformada pela violência infligida pelo seu mestre, que se ressentia da ingratidão e violência que recebeu em troca de sua generosidade.

¹² Anotações do curso “Viver Juntos! Entre o Poder e a Liberdade” do prof. Miguel Chaia (PUC-SP, 1º semestre/ 2019)

¹³ Ver, por exemplo, Griffiths, Trevor (1983) *This Island's mine': Caliban and Colonialism* (JSTOR, Modern Humanities Research Association).

CALIBAN

*This island's mine, by Sycorax my mother,
Which thou tak'st from me. When thou cam'st first,
Thou strok'st me and made much of me; wouldst give me
Water with berries in't; and teach me how
To name the bigger light, and how the less,
That burn by day and night: and then I lov'd thee,
And show'd thee all the qualities o' th' isle,
The fresh springs, brine-pits, barren place, and fertile.
Curs'd be I that did so! All the charms
Of Sycorax, toads, beetles, bats, light on you!
For I am all the subjects that you have,
Which first was mine own king; and here you sty me
In this hard rock, whiles you do keep from me
The rest o' th' island.*

(The Tempest, 1623, Ato I, cena II)

A ilha é minha, da mãe Sycorax,
Que você me tirou. Logo que veio,
Me afagava, mimava, inda me dando
Umas frutinhas, e ainda me ensinou
A chamar a luz grande e a pequena,
Que queimam dia e noite. E eu te amava,
E mostrei a você tudo na ilha –
As fontes, onde é estéril e onde é fértil.
Maldito seja! Todos os encantos
De Sycorax – sapos, escaravelhos
E morcegos, te ataquem todos juntos!
Pois eu sou seu único vassalo,
Eu era rei. Você me fez de porco
Nestas pedras, guardando para você
A ilha toda.” (...)”
(Tradução: HELIODORA 2017, pp. 372-373)

Para os ameríndios, certas terras são concebidas como uma “mãe” que não podem trocar e da qual não podem se desfazer (Lévi-Strauss 2013: 354)¹⁴: “A ilha é minha, da mãe Sycorax, Que você me tirou” lamenta Caliban. No final da peça, Próspero renuncia à magia e, ligado a isso, ao seu possível desejo de vingança (“A vingança é uma justiça selvagem” diria Bacon [1979]). Ou seja,

¹⁴ Lévi-Strauss descreve a “prioridade de princípio” concedida à natureza sobre a cultura nas sociedades “primitivas”. Ele fala sobre os coletores de grãos selvagens (os Menomimi da região dos Grandes Lagos) que se recusam a aplicar as técnicas agrícolas de seus vizinhos (Iroqueses) no seu alimento principal (o arroz selvagem) porque não podiam “ferir sua mãe Terra” (LÉVI-STRAUSS 2013, p. 354).

para o paradigma mecanicista imperar, a cadeia mágica teria que desaparecer: seria preciso desencantar a natureza para um novo mundo emergir.

PROSPERO

*(...) graves at my command
Have waked their sleepers, oped, and let 'em forth
By my so potent art. But this rough magic
I here abjure, and, when I have required
Some heavenly music, which even now I do,
To work mine end upon their senses that
This airy charm is for, I'll break my staff,
Bury it certain fathoms in the earth,
And deeper than did ever plummet sound
I'll drown my book.*
(The Tempest, 1623. Ato V, cena 1)

*(...) sob meu comando
As tumbas libertaram seus defuntos,
Graças à minha arte. Mas tal mágica
Aqui renego; e quando houver pedido
Divina música – como ora faço –
Para alcançar meus fins pelos sentidos
Que tal encanto toca, eu quebro a vara,
A enfio muitas braças dentro à terra
E mais profundo que a mais funda sonda
Enterrarei meu livro.*
(Tradução: HELIODORA 2017, pp. 435)

Pouco antes do fim, Shakespeare nos deixa com a *mea culpa* de Próspero frente à deformidade que provocou/ provocamos.

*this thing of darkness I
Acknowledge mine.*
(The Tempest, 1623. Ato V, cena 1)

*o ser das sombras
Eu sei que é meu.*
(Tradução: HELIODORA 2017, p. 444)

Lévi-Strauss considera Jean-Jacques Rousseau o fundador das ciências do homem. O *Discurso sobre a Origem da desigualdade* (1755) reside numa concepção do homem que põe o outro antes de si e numa concepção da humanidade que, antes dos homens, põe a vida (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 49).

Pois só é possível crer que com o surgimento da sociedade tenha-se produzido uma tripla passagem, da natureza à cultura, do sentimento

ao conhecimento, da animalidade à humanidade - objeto do *Discurso* -, atribuindo ao homem, já em sua condição primitiva, uma faculdade essencial que o impila a superar esses três obstáculos; (...) que seja ao mesmo tempo natural e cultural, afetiva e racional, animal e humana; e que, com a única condição de que se torne consciente, possa se converter de um plano para outro. (LÉVI-STRAUSS, 2013, pp. 49-50).

Lévi-Strauss inscreve a antropologia como contraponto ao humanismo “das classes privilegiadas”: ao humanismo “exótico” ligado aos interesses industriais e comerciais; ao humanismo “aristocrático” do Renascimento e ao humanismo “burguês” do século XIX (2012, p. 32). Para ele, a antropologia marca o advento de um humanismo duplamente universal: buscando sua inspiração nas sociedades mais humildes e desprezadas, ela proclama “que nada de humano deveria ser alheio ao homem (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 33)”. Resgatando o significado *primo* da antropologia, o Papa Francisco declara de forma otimista: “*Nada deste mundo nos é indiferente (LS, 3)*”. “*Não haverá uma nova relação com a natureza sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia*” (LS 118).

De fato, o Papa apela para a reconciliação do homem e da natureza apontando para a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta (LS, 16): “*a ocidentalização do mundo provoca os gemidos da irmã terra e dos abandonados do mundo*” (LS, 53). Ele reprova o paradigma cartesiano onde a produção do saber foi intimamente ligada à produção do poder: “*o paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política*” (LS, 109), “*sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro*” (LS 104).

Em 2008, a Conferência Lambeth dos bispos anglicanos¹⁵ acolheu o entendimento integral da natureza como presente de Deus que deve ser

¹⁵ As Conferências de Lambeth são assembleias dos bispos, as autoridades eclesiais anglicanas, e ocorrem a cada 10 anos desde 1867. Durante as Conferências são debatidas resoluções que irão pesar

protegido, e não saqueado. Os bispos repudiaram a interpretação feita do Gênesis, que convidava o homem a dominar a terra para favorecer a exploração selvagem da natureza: “Em Gênesis 1:28: “*as palavras 'dominar' ou 'subjugar' foram mal interpretadas como 'faça o que quiser com a terra'. Se a humanidade é feita à imagem de Deus, a humanidade precisa aprender a cuidar de Sua criação.*” (LAMBETH, 2008, p. 62).

Sete anos depois, o Papa Francisco também condenou a interpretação equivocada desta mesma passagem da Bíblia, “apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador (LS, 67)”. Ele diz que os cristãos entenderam erroneamente as escrituras ao deduzir que, se fomos criados à imagem de Deus e “com o mandato de dominar a terra”, isto equivaleria a um domínio absoluto sobre as outras criaturas (LS, 67). Ele condena a “exploração inconsiderada da natureza” sob o risco do homem se destruir “e vir a ser, também ele, vítima dessa degradação (LS, 4)”. “Não temos o direito de o fazer (LS, 33)”.

É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. *Gn 2, 15*). Enquanto “cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. (LS, 67)

A encíclica desaprova o modo como a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento “*juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional*” (LS, 106) (grifos no original) e propõe irmos além de uma ontologia antropocêntrica. Reafirma que “o homem moderno não foi educado para o justo uso do poder” porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores e à consciência. “*Cada época tende a desenvolver uma reduzida autoconsciência dos próprios limites*” (LS, 104). O

Papa relaciona o advento da energia nuclear, da biotecnologia e informática ao poder excessivo do homem e elabora esses temas de maneira inédita, algo que nenhum documento oficial da ONU até então fizera (BOFF apud ALTEMEYER JR, 2016, p. 64). Somente o separado pode ser religado: o homem “nu e exposto frente ao seu próprio poder, que continua a crescer, sem ter os instrumentos para o controlar (LS, 105)” precisa regenerar-se nas suas fontes vivas de religação -----> compreensão -----> compaixão (MORIN, 2011, pp. 196-196). O Papa quer redefinir o progresso: um desenvolvimento que não engendre um mundo melhor e uma vida superior “não pode se considerar progresso (LS, 194)”. Em uma crítica à cultura mecanicista, Morin afirmou que não há de forma alguma um progresso inevitável e necessário: “*todo progresso deve ser regenerado (...). Tudo o que não se regenera está condenado* (2000)”.

Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra (LS, 92).

Ou: “*Nada de irmãos sem mãe* (Morin, 2011b, p. 165)”.

(...) O pensamento judaico-cristão desmitificou a natureza. Sem deixar de a admirar pelo seu esplendor e imensidão, já não lhe atribui um carácter divino. Deste modo, ressalta ainda mais o nosso compromisso para com ela. Um regresso à natureza não pode ser feito à custa da liberdade e da responsabilidade do ser humano, que é parte do mundo com o dever de cultivar as próprias capacidades para o proteger e desenvolver as suas potencialidades. Se reconhecermos o valor e a fragilidade da natureza e, ao mesmo tempo, as capacidades que o Criador nos deu, isto permite-nos acabar hoje com o mito moderno do progresso material ilimitado. (LS, 78)

Ao reconhecer o valor da natureza em si, o Papa se une não só às cosmovisões mais antigas dos povos originários, mas também ao que há mais de avançado na filosofia da ciência e na ciência ecológica (Lisboa, 2017, p. 146). O Papa afirma que a Igreja Católica “*está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, o que lhe permite produzir várias sínteses entre fé e razão*” e deve “*enriquecer-se cada vez mais a partir dos novos desafios*” (LS, 63), propondo uma religação dos saberes ao afirmar que a ciência e a

tecnologia são “um produto estupendo” da criatividade humana “que Deus nos deu”.

A tecnociência, bem orientada, pode produzir coisas realmente valiosas para melhorar a qualidade de vida do ser humano, desde os objetos de uso doméstico até aos grandes meios de transporte, pontes, edifícios, espaços públicos. É capaz também de produzir coisas belas e fazer o ser humano, imerso no mundo material, dar o ‘salto’ para o âmbito da beleza. Poder-se-á negar a beleza de um avião ou de alguns arranha-céus? Há obras pictóricas e musicais de valor, obtidas com o recurso aos novos instrumentos técnicos. **Assim, no desejo de beleza do artífice e em quem contempla esta beleza dá-se o salto para uma certa plenitude propriamente humana.** (LS 103) (grifos nossos)

Assim como a criatividade humana e a tecnologia, Morin (2000) compara as ciências humanas com um moinho, e a ciência pura com os grãos: são os grãos que alimentam o moinho. São interligados e interdependentes, tais como colocadas pelo Papa:

A transformação da natureza para fins úteis é uma característica do gênero humano, desde os seus primórdios; e assim **a técnica exprime a tensão do ânimo humano para uma gradual superação de certos condicionamentos materiais. A tecnologia deu remédio a inúmeros males que afligiam e limitavam o ser humano.** Não podemos deixar de apreciar e agradecer os progressos alcançados especialmente na medicina, engenharia e comunicações. Como não havemos de reconhecer todos os esforços de tantos cientistas e técnicos que elaboraram alternativas para um desenvolvimento sustentável? (LS, 102) (grifos nossos)

Morin (2015) argumenta que a mensagem pontifical apela para uma nova civilização: “*eu reconheço em todo ser vivo ao mesmo tempo um ser semelhante e diferente de mim*”. Aponta que a palavra “religião” não significa apenas a religião entre os membros de uma mesma fé, mas também a conexão com as forças superiores do cosmos:

Alcançamos a religião cósmica pela religião biológica, que nos chega pela religião antropológica, que se manifesta na solidariedade, na fraternidade, na amizade e no amor, que é a religião antropológica suprema. O amor é a expressão superior da ética. (MORIN, 2005, p. 37).

Ao ser perguntado qual seria a utopia que substituiria o socialismo, Morin respondeu que ele via a possibilidade de duas utopias. A primeira, “ruim”, ou inviável, seria um mundo perfeito sem conflitos. A segunda, “a correta” seria

reduzir as desigualdades, erradicar a fome no mundo e estabelecer a paz. O que falta para atingi-la, segundo ele, portanto, é o “estado de desenvolvimento da consciência do pensamento, um pensamento que saiba religar”. Em outras palavras, “uma visão não fragmentada do mundo: todo pensamento é uma tradução e reconstrução da realidade” (RODA VIVA, 2000).

Para regular o controle humano sobre o meio ambiente, Serres (1999) defende estender a contratualidade para a natureza como um adendo ao contrato social. O “contrato natural” seria um manifesto de direitos do meio ambiente para o controle do homem sobre seu controle da natureza. O contrato social para ele ruiu, e abriu-se a *hybris*, ou seja, o descomedimento generalizado e a intolerância. As cisões cérebro x mente / humanidade x animalidade / natureza x cultura constituíram um obstáculo para as ciências sociais, que deixaram de lado os sentimentos, os sentidos e as percepções visuais. Isto impediu uma verdadeira hominescência: uma cosmovisão anticartesiana e um novo caminho da hominização (SERRES, 2003, p.249).

A lógica patriarcal e cartesiana subjugou o elemento feminino regulador do cosmos: a noção do mundo como um organismo vivo morreu. O Papa Francisco denuncia o uso irresponsável e o abuso da Terra e resgata a mãe-natureza como força feminina constitutiva do equilíbrio cósmico entre os pobres maltratados e a **nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto”** (RM 8, 22; LS, 2) (grifos nossos). Percebemos aí os ecos das reflexões da Teologia da Libertação que evoca o feminino aos temas da complexidade, da interconexão de todas as coisas entre si e da centralidade da vida:

A mulher capta e vivencia a complexidade e a interconexão do real por instinto e por uma estruturação toda singular. Por natureza, ela está ligada diretamente ao que há de mais complexo do universo, que é a vida. **Por nove meses carrega o mistério da vida humana. [...] Mais do que pelo trabalho é pelo cuidado que a mulher se relaciona com a vida.** O cuidado pressupõe uma ética do respeito, atitude básica exigida diante do sagrado. (Boff, 1986: 52) (grifos nossos)

Morin (2011b, pp.199-200), na mesma linha, propõe uma resistência à crueldade do mundo e à barbárie humana simbolizadas pelo elemento

masculino superpoderoso. Um dos conceitos-chave do pensamento complexo, a regeneração e a interdependência da vida, é simbolizado pela árvore Banyan (MORIN, 2018). Seus galhos caem no chão se tornam raízes, em um loop recursivo onde os produtos se tornam produtores.

Assim como uma árvore real extrai seu alimento tanto através das raízes como das folhas, também a energia numa árvore sistêmica flui em ambas direções, sem que uma extremidade domine a outra, sendo que todos os níveis interagem em harmonia, interdependentes, para sustentar o funcionamento do todo. **O aspecto importante da ordem estratificada na natureza não é a transferência de controle, mas a organização da complexidade.** (CAPRA, 1981, pp. 275-276) (grifos nossos).

O Papa afirma a cada momento a expressão do cientista Werner Heisenberg: *“Tudo tem a ver com tudo em todos os pontos e em todos os momentos; tudo é relação e nada existe fora da relação”* (ALTEMEYER JR, 2017, p. 66).

O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente. **Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender.** Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade. (LS, 138) (grifos nossos)

Para Carvalho (2015), a ideia do Deus Trino - Pai, filho, espírito santo - é simultaneamente oposta e complementar à tríade indivíduo, sociedade, espécie. Por isso, é necessário colocá-las em circuito dialógico e hologramático.

Toda a criatura traz em si uma estrutura propriamente trinitária, tão real que poderia ser contemplada espontaneamente, se o olhar do ser humano não estivesse limitado, obscurecido e fragilizado. (LS, 239)

Para Capra (1981) a vida é auto-organizativa. É um sistema vivo auto-sustentável, auto-renovável e auto-transcendente. A vida se renova em ciclos contínuos muito mais velozes do que podemos imaginar; e tem a tendência inerente de transformar e criar novas formas de vida. A dinâmica evolutiva

básica, segundo ele, não é a adaptação, mas sim a criatividade, o elemento básico da evolução. Todo organismo vivo tem potencial para criatividade, para surpreender e se transcender. Portanto mesmo velhos, somos constantemente novos, renovados, transcendentais.

Falou-se de novos ministérios, inspirados na *Ministeria quaedam* de Paulo VI, de criatividade. Criatividade em novos ministérios, e ver até onde se pode ir. Falou-se de seminários indígenas, e com muita força. (...) Criatividade em tudo isto a partir de novos ministérios e no resto.” - DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NO FINAL DA ASSEMBLEIA SINODAL, 26 de outubro de 2019¹⁶.

O Papa Francisco apela a “uma humanidade autêntica que parece habitar no meio da civilização tecnológica de forma quase imperceptível, como a neblina que entra pelos vãos da porta (LS, 112)”. E lança a pergunta: “Será uma promessa permanente que, apesar de tudo, desabrocha como uma obstinada resistência daquilo que é autêntico? (Idem)”. Temos uma pista com o próprio caminho trilhado por São Francisco de Assis: fora do sistema burguês emergente; fora do sistema feudal decadente; fora do sistema religioso imperante (CELANO apud BOFF 1986, p. 315):

Ele é louco (*pazzus*) somente para estes sistemas, que abandona. Ele segue seu próprio caminho que o faz *homo alterius saeculi*, “um homem de um século novo, de um paradigma novo”. (CELANO apud BOFF 1986, p. 315)

Ou, simplesmente, ficamos com a resposta de Morin (2000): “*Estamos fadados a resistir*”.

¹⁶ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NO FINAL DA ASSEMBLEIA SINODAL – CONCLUSÃO DOS TRABALHOS DA ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA SOBRE O TEMA “NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL” Sala do Sínodo Sábado, 26 de outubro de 2019 (grifos nossos). Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191026_chiusura-sinodo.html> Acesso em 20/01/2020.

1.3 RESSONÂNCIAS DA LAUDATO SI': ACORDO DE PARIS E GRETA THUNBERG

Depois de cientistas e ativistas do clima berrarem sozinhos por décadas, o mundo finalmente começa a escutar que a casa está queimando porque a nova geração, esta que prescinde da esperança, é quem está dizendo. Derrubando as fronteiras e botando os muros abaixo em nome de um “comum”: a luta contra o superaquecimento global, a batalha contra os senhores do mundo que estão esgotando o planeta e fazendo com que não exista amanhã para os que vêm em seguida, o enfrentamento da lógica capitalista do consumo engolidor de mundos (BRUM, 2019). "*Se eu morrer antes de você, deixo como legado o impossível*". E Darwish pergunta: "*Está muito longe o impossível?*", e a voz de Saïd responde: "*a uma geração de distância*". (PÀL PERLBART, 2018).

Para Lévi-Strauss, o progresso não é necessário nem contínuo: ele procede por saltos, por pulos ou mutações. Esses saltos e pulos nem sempre vão mais longe ou na mesma direção. São acompanhados de mudanças de orientação, tal como o cavalo no xadrez que anda em “L” (2012, p. 83).

A humanidade em progresso não se parece com um personagem que vai subindo, degrau por degrau, uma escada. Ela faz mais pensar no jogador cuja chance está dividida em vários dados e que toda vez que ele os joga, os vê se dispersarem sobre a mesa. O que ganhamos com um sempre estamos dispostos a perder com o outro, e é somente por um golpe de sorte que a história se torna cumulativa, em outras palavras, que as contas se adicionam para formar uma combinação favorável. (LÉVI-STRAUSS, 2012, pp. 83- 84).

Poucos meses após a publicação de *Laudato Si'* houve a Assembleia Geral das Nações Unidas (setembro 2015 em Nova Iorque). Na ocasião, os chefes de Estado adotaram a Agenda 2030 de desenvolvimento sustentável. Em sua primeira visita à ONU, o Papa Francisco fez um apelo aos líderes presentes em um discurso contundente:

O mundo pede vivamente a todos os governantes uma vontade efetiva, prática, constante, feita de passos concretos e medidas imediatas, para preservar e melhorar o ambiente natural e superar o mais rapidamente possível o fenômeno da exclusão social e econômica. – Papa Francisco, Nova Iorque, 25 de Setembro (VATICANO, 2015)¹⁷

Evocando a *Laudato Si'* (LS, 81), ele afirmou a necessidade de um “direito do ambiente” porque o homem é uma porção deste ambiente e só sobrevive se a natureza lhe for favorável. “Por conseguinte, qualquer dano ao meio ambiente é um dano à humanidade (Idem.)”. Voltou a assinalar a ética da responsabilidade para com as próximas gerações, assim como uma abordagem integral da crise ecológica.

Sem o reconhecimento de alguns limites éticos naturais inultrapassáveis e sem a imediata atuação dos referidos pilares do desenvolvimento humano integral, o ideal de «preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra» (Carta das Nações Unidas, Preâmbulo) e «promover o progresso social e um padrão mais elevado de viver em maior liberdade» (Idem), corre o risco de se tornar uma miragem inatingível.

Contra a edificação de uma “elite onipotente e egoísta”, ele clamou ao cuidado da Casa Comum, edificada sobre uma sacralidade da natureza, e ao respeito e acolhimento dos “pobres, dos idosos, das crianças, dos doentes, dos nascituros, dos desempregados, dos abandonados, daqueles que são vistos como descartáveis” (Idem.) pela mesma elite mundial. Após três meses, os chefes de Estado, reunidos na COP21, em Paris, em dezembro de 2015, aprovaram um “pacto histórico” contra as mudanças climáticas.

O “Acordo de Paris” foi alardeado como precursor de uma “nova era de combate às mudanças climáticas (DW BRASIL, 2015)”. Um ponto bastante

¹⁷*Discurso do Santo Padre*. VATICANO. Nova Iorque, 25 de Setembro. Rádio Vaticano (2015). http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html Acesso: 21/01/2020

comemorado no Acordo é a determinação de chegar até 2100 com emissões líquidas zero, ou seja, os gases-estufa que forem liberados ao redor do globo pelas atividades humanas devem ser compensados. Seria, então, o início de uma economia neutra em carbono. O acordo apresenta um plano de ação destinado a limitar o aquecimento global a um valor abaixo dos 2°C em relação ao nível pré-industrial. No entanto, o objetivo é limitar o aumento a 1,5°C (Nações Unidas Brasil, 2015).

O Papa Francisco disse que o cumprimento do “histórico” Acordo de Paris requeria um compromisso de todos. Ele exortou toda a comunidade internacional a prestar “particular atenção” às populações mais vulneráveis (VATICANO, 2019).

As principais organizações de ciência do clima do mundo produziram um relatório histórico intitulado “*United in Science*” analisando o período 2015-2019. Eles destacaram a crescente lacuna entre as metas do Acordo de Paris e a realidade (IPCC, 2019)¹⁸. Em resumo, eles atestaram que a temperatura média global é a mais quente já registrada¹⁹; a quantidade de gelo perdida na Antártica aumentou seis vezes entre 1979 e 2017 e os níveis dos principais gases de efeito estufa - dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄) e óxido nitroso (N₂O) - atingiram novos picos²⁰. Estes documentos foram apresentados

¹⁸ IPCC (2019). *Landmark United in Science report informs Climate Action Summit* <https://www.ipcc.ch/2019/09/22/united-in-science-report-climate-summit/350> (2019). *Relatório especial do IPCC/ONU destaca a relação do uso da terra com as mudanças climáticas.*

<https://350.org/pt/relatorio-especial-do-ipcc-onu-destaca-a-relacao-do-uso-da-terra-com-as-mudancas-climaticas/> Nações Unidas Brasil. *A ONU e as mudanças climáticas.* <https://nacoesunidas.org/acao/mudanca-climatica/> Acesso: 20/1/2020

¹⁹ Atualmente, está estimado em 1,1 ° Celsius acima da era pré-industrial. As temperaturas no Ártico aumentaram 3°C desde 1990. Ondas de calor generalizadas e duradouras, incêndios, ciclones tropicais, inundações e secas têm tido grandes impactos no desenvolvimento socioeconômico dos países e no meio ambiente. A perda das geleiras no período 2015-2019 é a mais alta já registrada. Com isso, se acelera o aumento do nível do mar e aumento na acidez do oceano (26% a mais desde o início da era industrial). (United in Science, 2019) <https://www.ipcc.ch/2019/09/22/united-in-science-report-climate-summit/> Acesso: 20/1/2020

²⁰ A última vez que a atmosfera da Terra continha 400 partes por milhão de CO₂ foi há 3-5 milhões de anos atrás. Os sumidouros naturais de CO₂ - como a vegetação e oceanos - que removem cerca de metade de todas as emissões das atividades humanas vão se tornando menos eficientes. Isso reforça a necessidade

na Cúpula de Ação Climática da ONU (Nova Iorque, setembro 2019). Três relatórios especiais do IPCC lançados em 2018²¹ e 2019²² avaliaram aspectos complementares.

No ano de 1979 o filósofo alemão Hans Jonas escreveu “O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”. No livro, ele afirma que a ética tradicional sempre foi antropocêntrica (JONAS, 2006, p. 35) e que o excesso de tecnologia estava transformando o agir humano e a natureza. “A natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um *novum* sobre o qual uma nova ética deve ser pensada (Ibidem, p. 39)”.

Frente ao poder crescente e excessivo do homem, ele defendia estabelecer “freios normativos” para a ciência e a tecnologia. Jonas decompõe o imperativo categórico de Kant (“Aja de modo que tu também possas querer que tua máxima se torne lei geral”): a partir da suposição da existência de uma sociedade de atores humanos, a ação deve existir de modo que possa ser concebida, sem contradição, como exercício geral da comunidade (Jonas, 2006, p. 47).

Ao pensar nas gerações futuras, Jonas atualiza Kant propondo um novo imperativo categórico: “Age de modo a que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana na Terra

de reduzir o desmatamento e expandir os sumidouros naturais de CO₂, particularmente as florestas. (United in Science, 2019) <https://www.ipcc.ch/2019/09/22/united-in-science-report-climate-summit/> Acesso: 20/1/2020

²¹ IPCC (2018) **Special Report. Global Warming of 1.5 °C**. <https://www.ipcc.ch/sr15/> **O Relatório Especial sobre o Aquecimento Global de 1,5°C** afirma que limitar o aquecimento a 1,5°C não é fisicamente impossível, mas exigiria transições sem precedentes em todos os aspectos da sociedade. Há benefícios claros em manter o aquecimento a 1,5°C em comparação a 2°C ou mais. Limitar o aquecimento a 1,5 ° C pode ser acompanhado de outras metas mundiais, **como o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza**.

²² IPCC (2019b). *Climate Change and Land* <https://www.ipcc.ch/report/srccl/> **O Relatório Especial sobre Mudança Climática e Terra** enfatizou que a terra já está sob crescente pressão humana e as mudanças climáticas reforçam esta pressão. Ao mesmo tempo, manter o aquecimento global bem abaixo de 2°C pode ser alcançado **apenas** pela redução das emissões de gases de efeito estufa de todos os setores, incluindo o uso da terra e alimentação.

(Idem)”. Ou: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer” (Jonas, 2006, p. 48).

Jonas compara o novo imperativo à heroicidade: Aquiles tinha o direito de escolher para si uma vida breve de glórias a uma vida segura “sem-graça”. Nós, os humanos, também podemos arriscar nossa própria vida, mas não a da humanidade: não temos o direito de escolher a não-existência de futuras gerações ou mesmo a colocarmos em risco (Idem). A ética, aqui, é o norte que deve embasar as decisões políticas e práticas sociais **coletivas**:

Importam aqui o ator coletivo e os atos coletivos, não o ator individual e o ato individual (...). Isso exige imperativos de outro tipo. Se a esfera do produzir invadiu o espaço do agir essencial, então a moralidade deve invadir a esfera do produzir, da qual ela se mantinha afastada anteriormente, e deve fazê-lo na forma de política pública. Nunca antes a política pública teve de lidar com questões de tal abrangência e que demandassem projeções temporais tão longas. De fato, a natureza modificada do agir humano altera a natureza fundamental da política (JONAS, 2006, p. 44).

Na encíclica, o Papa afirma que o meio-ambiente “*é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte*” (LS, 159). E que Deus confia ao ser humano o cuidado do mundo, interpelando a nossa inteligência para reconhecer como “*deveremos orientar, cultivar e limitar o nosso poder*” (LS, 78). No dia 16 de abril de 2019, ele se encontrou com Greta Thunberg²³, a jovem sueca ativista que desencadeou paralisações pelo clima em todo o mundo. Greta iniciou o movimento *Fridays For Future* (“Sextas-feiras pelo futuro”), quando ela faltava à aula para protestar em frente ao Parlamento da Suécia. No encontro, Greta disse ao Papa:

²³ Greta Thunberg foi diagnosticada com síndrome de Asperger. Embora reconheça algumas dificuldades por causa de seu diagnóstico, Thunberg diz que “ser diferente é um superpoder”. Ver a respeito Sachs, Oliver “Um Antropólogo em Marte” (1995)

“*Nosso lar está em chamas*” (Catholic Climate Movement, 2019). Ainda que não seja católica, Greta ressoa o chamado da “*Geração Laudato Si’*” (Geração *Laudato Si’*, 2019)²⁴.

Figura 1: Papa encontra Greta (abril 2019)



40 anos depois da obra de Hans Jonas, na abertura da Cúpula do Clima da ONU, em setembro de 2019 em Nova Iorque, Greta perguntava aos adultos: “*Vocês vêm até nós, os jovens, em busca de esperança. Como ousam?*” (NEXO, 2019).

²⁴ *Laudato Si' Generation*. A Geração *Laudato Si'* é uma vertente jovem do Movimento Católico Global pelo Clima, com mais de 800 organizações católicas. “Nós nos mobilizamos pela justiça climática, convidando a Igreja e o mundo inteiro à ação”. Em junho de 2019, durante o Fórum Internacional da Juventude, o Papa lançou-lhes um desafio: “Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas [e ambientais!] que estão surgindo em várias partes do mundo”. “[O Senhor] pensou em vós, jovens, como seus instrumentos para irradiar luz e esperança, porque quer contar com a vossa coragem, frescor e entusiasmo”. <https://laudatosigeneration.org/pt/about-pt/about-us-pt/> Acesso: 20/01/2020

Jonas falava sobre a “heurística do medo”: é preciso apostar em uma vida futura melhor do que esta. A existência da ética, para ele, é tanto mais necessária quanto maiores forem os poderes do agir que ela tem de regular (Jonas, 2006, pp 65-66). Acusando os chefes de estado de “roubarem seus sonhos e infância com palavras vazias”, Greta desabafou na plenária em Nova Iorque: *"Está tudo errado. Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar na escola do outro lado do oceano"*.

(...) nosso agir coletivo-cumulativo-tecnológico é de um tipo novo, tanto no que se refere aos objetos quanto à sua magnitude. Por seus efeitos, independentemente de quaisquer intenções diretas, ele deixou de ser eticamente neutro. Com isso se inicia a tarefa propriamente dita, a de buscar uma resposta. (JONAS, 2006, p. 66)

No espaço liso do Zen, a flecha já não vai de um ponto a outro: mas será recolhida num ponto qualquer, e tende a permutar como atirador e o alvo (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 49-50). O chamado planetário da *Laudato Si'*, assim como a flecha-movimento de Greta Thunberg para pressionar os políticos a tomarem medidas concretas diante da emergência climática inspirou outros jovens (de todas as religiões) do globo que se somaram à causa. Antes, durante e depois da Cúpula do Clima de Nova Iorque houve atos pelo clima em mais de 150 países. Milhões de pessoas tomaram as ruas (G1, 2019).

Se os princípios nos parecem gritos, é porque cada um assinala a presença de uma classe de seres, seres que lançam o grito e se fazem reconhecer por esse grito. (DELEUZE, 1988 apud LAPOUJADE, 2006, p. 45)

Eliane Brum (EL PAÍS, 2019) no artigo “A potência da primeira geração sem esperança” se surpreende com a percepção fina de que os jovens têm sobre a emergência climática e do poder de destruição da economia capitalista. Ou, do modelo que o homem branco ocidental implantou na Terra. Brum se pergunta como estes jovens podem sentir o mundo de maneira tão próxima ao pensamento indígena. “Por que caminhos invisíveis os pensamentos se encontraram, como foi feito esse diálogo que aconteceu sem jamais ter acontecido? (Idem)”. Talvez, ela pondera, os povos da floresta já viveram a

catástrofe e os adolescentes sabem que terão que viver num planeta pós-catástrofe – ou “em-catástrofe”.

Esse futuro desinventado de futuro está sendo tecido por experiências de minorias vindas de outros territórios cosmopolíticos. Entre tantas más notícias, há uma ótima: por caminhos surpreendentes, a nova geração de suecas está vindo como índio. (BRUM, 2019).

Para Andrés Kogan Valderrama, sociólogo e editor do Observatório Plurinacional de Águas no Chile, precisamos de novas “Gretas ecoterritoriais” para enfrentar o extrativismo imperante e possibilitar a articulação com outras lutas. Devemos somá-las a outras vozes críticas, como é o caso do Máxima Acuña, no Peru, Rodrigo Mundaca, no Chile, Alberto Curamil, em Wallmapu, Oscar Olivera, na Bolívia, Sofia Gatica, na Argentina, Francisco Pineda, em El Salvador, Randall Arauz, na Costa Rica, Humberto Ríos, em Cuba, Jesús León, no México, Líbia Grueso, na Colômbia, Tarsicio Feitosa da Silva, no Brasil, José Andrés Tamayo, em Honduras, Pablo Fajardo, no Equador, Elías G. Diaz, no Paraguai, e Luis Jorge Rivera, em Porto Rico, que tem colocado o corpo para frear as megacorporações, que, em cumplicidade com os estados, realizam seus projetos extrativistas^{25 26}.

Durante a mesma Cúpula de Ação Climática da ONU foi lançada a campanha **Fé pelas Florestas**. Trata-se de um movimento global de ativismo de organizações religiosas em prol da justiça climática. Endossada por mais de 900 lideranças religiosas de 125 países e representando uma rede de mais de

²⁵ *Gretas ecoterritoriais para enfrentar a crise socioambiental (2019)*. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593031-gretas-ecoterritoriais-para-enfrentar-a-crise-socioambiental>

²⁶ Adicionamos também os movimentos populares imprescindíveis na luta e na conscientização da importância do meio ambiente e justiça social: Movimentos dos Atingidos por Barragens (MAB), a Comissão Pró Índio de São Paulo (CPI), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI); a Comissão Pastoral da Terra (CPT); a Via Campesina; a Marcha Mundial das Mulheres; a Terra de Direitos; a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ); a Comissão de Justiça e Paz; o CREA; o Instituto Ecumênico de Teologia; a Rede Eclesial Panamazônica (REPAM), a Rede Ecumênica da Água, entre outros.

um bilhão de pessoas, a campanha Fé pelas Florestas tem como objetivo impulsionar, com novos aliados, os esforços de proteção florestal. O coordenador da iniciativa na ONU Meio Ambiente, Iyad Abumoghli, afirmou na ocasião: “O poder das organizações religiosas na proteção de florestas ainda é inexplorado²⁷”.

Antes de uma nova ética, Jonas propõe uma ontobiologia, um novo conceito de ser: o ser como ser vivo. “Este homem ético: o que ele traria de tão radical para romper com a catástrofe?” O filósofo alemão dizia que a categoria do sagrado foi destruída “de cabo a rabo” pelo *Aufklärung* (Iluminismo) científico. No entanto, para Dom Oscar Ojea, presidente do episcopado argentino, o Papa quer transpor a fronteira da Igreja Católica e estender a mão aos cientistas com a *Laudato Si’*. Francisco seria “um novo estilo de liderança política no mundo” (Modino, 2019):

O mundo científico estava esperando por essa encíclica e muitos irmãos no mundo científico não são crentes. No entanto, geralmente tem sido muito bem recebida neste mundo. Assim, parece-me que é o local de onde o Papa fala, que nos permite ter uma linguagem que nos ajude a nos comunicar com aqueles irmãos com quem compartilhamos uma série de preocupações, inquietações e visões do mundo, embora não a fé. - Dom Oscar Ojea

“Laudato si’ nasceu ali com uma inspiração na qual trabalhavam tantas pessoas, cientistas, teólogos, pastoralistas. Pois bem, essa consciência ecológica que vai adiante e que hoje denuncia um caminho de exploração compulsiva, de destruição no qual a Amazônia é um dos pontos mais importantes. É um símbolo, diria. Esta dimensão ecológica em que o futuro está em jogo, não é? Em manifestações feitas por jovens, seja no movimento de Greta ou noutros. **Os meninos saíram com o cartaz: “O futuro é nosso, ou seja, não decidam pelo nosso futuro”.** “Ele é nosso”.

- Papa Francisco, DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NO FINAL DA ASSEMBLEIA SINODAL. Basílica de São Pedro – CONCLUSÃO DOS TRABALHOS DA ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÓNICA SOBRE O TEMA “NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL” Sala do Sínodo Sábado, 26 de outubro de 2019 (grifos nossos)

²⁷ Nações Unidas Brasil (2019). *Campanha da ONU Meio Ambiente visa unir religiões em prol da conservação*. <https://nacoesunidas.org/campanha-da-onu-meio-ambiente-visa-unir-religoes-em-prol-da-conservacao/>

CAPÍTULO 2 - O PAPA FRANCISCO E A RELIGAÇÃO DA NATUREZA E CULTURA

*Si c'est vrai qu'elles nous pardonnent tout
Si c'est vrai qu'elles nous aiment malgré tout
Si c'est vrai qu'elles donnent aux hommes le jour
Moi je dis, que le bon Dieu est une femme*

*Nos mères paient depuis la nuit des temps
Depuis l'histoire de la pomme d'Adam
Elles portent les maux et les torts du monde,
tout leur vivant
Le ciel bénisse la femme qui aime encore
Un infidèle jusqu'à la mort
Faut être Dieu pour être trahis et aimer plus fort²⁸
- Corneille, "Le Bon Dieu est une femme"*

É fogo de amor que ilumina, aquece e dá vida; não fogo que alastra e devora. Quando sem amor nem respeito se devoram povos e culturas, não é o fogo de Deus, mas do mundo. Contudo quantas vezes o dom de Deus foi, não oferecido, mas imposto! Quantas vezes houve colonização em vez de evangelização!

Deus nos preserve da ganância dos novos colonialismos²⁹.

Por meio do símbolo do fogo – utilizado 13 vezes no discurso de abertura do Sínodo da Amazônia - Francisco faz referência à passagem bíblica do Antigo Testamento em que o profeta Moisés conversa com Deus por meio de um arbusto ardente. Assim, o Papa disse que a Amazônia precisa do "fogo da missão", e não do fogo "que devora povos e culturas." "O fogo de Deus arde (...) mas não consome" "O fogo de Deus é calor que atrai e congrega em unidade. Alimenta-se com a partilha, não com os lucros³⁰.

²⁸ Se é verdade que elas nos perdoam tudo/ Se é verdade que elas nos amam apesar de tudo/ Se é verdade que elas dão aos homens a vida/ Eu digo, que o bom Deus é uma mulher/ Nossas mães pagam desde a noite dos tempos/ Desde a história da maçã de Adão/ Elas carregam os males e os erros do mundo/ Toda sua vida/ Céu, abençoai a mulher que ainda ama/ Um infiel até à morte/ É preciso ser Deus para ser traída e amar ainda mais.- Corneille, "O Bom Deus é uma mulher".

²⁹ -Papa Francisco, abertura do Sínodo da Amazônia, 6 de outubro de 2019 (grifos nossos)

³⁰ *O Papa abre o Sínodo: por e com os irmãos na Amazônia, caminhamos juntos* (Vatican News, outubro 2019) <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-10/papa-francisco-missa-abertura-sinodo-bispos-regiao-pan-amazonica.html> Acesso: 20/1/2020

O livro *Cru e o Cozido* (2004, p. 19)³¹, segundo Lévi-Strauss, poderia também ser chamado de "representações míticas da passagem da natureza à cultura" (LARAIA, 2006). O autor analisa mitos dos povos indígenas do Brasil que se referem à invenção do fogo e, portanto, da culinária. Em seu "triângulo culinário" há o cru, o cozido e o apodrecido que são intermediados pelo fogo. O cru é o alimento "puro"; o cozido é uma transformação natural do cru enquanto o apodrecido é uma transformação natural deste (LÉVI-STRAUSS, 1979, p. 25). O assado – "queimado de um lado, cru do outro, ou grelhado por fora, sangrento por dentro" – encarnaria a "ambiguidade do cru e o cozido, da natureza e da cultura (LÉVI-STRAUSS, 1979, p. 33)".

Por este meio, o sistema atesta que a arte da cozinha não se situa inteiramente do lado da cultura. Respondendo às exigências do corpo, e determinada nos seus modos pela maneira particular pela qual, aqui e ali, se efetua a inserção do homem no mundo, colocada portanto entre a natureza e a cultura, a cozinha representa acima de tudo a necessária articulação entre ambas. Ela depende destes dois domínios, e projeta este desdobramento sobre cada uma de suas manifestações. (LÉVI-STRAUSS, 1979, pp. 32-33).

Em outras palavras, não se pode delimitar, no ser humano, onde acaba a natureza e onde começa a cultura (LÉVI-STRAUSS, 1982 apud LARAIA, 2006). De igual maneira, o Papa Francisco integra a natureza e a cultura uma na outra, em uma relação indissociável. Para ele, o fogo que "alastra e devora" povos e culturas "não é o fogo de Deus". O fogo de amor "ilumina, aquece e dá vida": é o fogo que alimenta.

E vós, nas vossas tradições, na vossa cultura — **porque o que ofereceis à história é cultura** — viveis o progresso com uma atenção especial à mãe terra. Neste momento em que a humanidade peca gravemente, deixando de cuidar da terra, exorto-vos a continuar a dar testemunho disto; e não permitais que novas tecnologias — que são lícitas e boas — mas não permitais aquelas que destroem a terra,

³¹ Após 20 anos pesquisando sobre mitos indígenas, Lévi-Strauss publicou a série *Mitológicas* com quatro volumes. O primeiro deles foi "O Cru e o Cozido", publicado em 1964. Os três volumes seguintes foram: *Do mel às cinzas* (1967), *Origens das maneiras à mesa* (1968) e *O homem nu* (1973).

que destroem a ecologia, o equilíbrio ecológico e que **acabam por destruir a sabedoria dos povos** (PAPA FRANCISCO, 2017)³²

O Papa diz que o ser humano já não sente a natureza como um “refúgio vivente”, vendo-a objetiva e simplesmente “como espaço e matéria (LS 116)”.

Hoje temos mais consciência do que significa a riqueza dos povos indígenas, precisamente na época em que, tanto sob o aspecto político como cultural, cada vez mais se quer anulá-los através da globalização (...) na qual tudo é uniformizado”³³.

Entre os povos originários, a noção de natureza sempre apresenta um caráter ambíguo: a natureza é pré-cultura e também subcultura, mas é sobretudo o lugar em que os homens acessam seus ancestrais, os espíritos e os deuses. Logo, a natureza tem um componente “sobrenatural”, e essa sobrenatureza está tão acima da cultura quanto a própria natureza está abaixo dela (LÉVI-STRAUSS, 2013, pp. 353-354; 2012, p. 55). Este seria, assim, o objetivo último das ciências humanas: não constituir o homem, mas dissolvê-lo (LÉVI-STRAUSS, 2016, p. 289) na natureza; devolvê-lo para onde ele veio.

Quando falamos de «meio ambiente», fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. **Estamos incluídos nela, somos parte dela** e compenetramo-nos. (LS, 139) (grifos nossos).

“Devemos reproblematicar nossa relação com a natureza, que temos considerado como feita de objetos a serem manipulados, domesticados ou destruídos, quando somos inseparavelmente e vitalmente ligados a ela. Devemos reproblematicar nossas crenças e credos, a começar pela nossa crença num progresso irreversível da humanidade”. (MORIN, 2011a, p. 12).

³² *Papa Francisco, Discurso no 3o. Fórum dos Povos Indígenas.* 15/2/2017. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170215_popoli-indigeni.html Acesso: 20/1/2020

³³ *No pensamento de Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires. A riqueza dos povos indígenas.* 8/10/2019 <http://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/593244-no-pensamento-de-bergoglio-arcebispo-de-buenos-aires-a-riqueza-dos-povos-indigenas> Acesso: 20/1/2020

A dualidade antiética homem x animal / cultura x natureza depara-se com a evidência que “o homem não é constituído por duas fatias sobrepostas, uma bionatural e outra psicossocial (...), é evidente que o homem é uma totalidade biopsicossociológica (MORIN, 1975, p. 22)”. Marx também, em seu manuscrito de 1844, afirmou que “o primeiro objeto do homem – o homem – é a natureza (Apud MORIN, 1975, p. 21)”. Contudo, esta ideia não encontrou ressonância e foi arquivada como erro de juventude (Idem).

No atual estágio da ciência, nada permite afirmar a superioridade ou a inferioridade intelectual de uma raça em relação a outra. (...) os grandes grupos étnicos que compõem a humanidade teriam dado, *enquanto tais*, contribuições específicas ao patrimônio comum” (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 357).

As sociedades “primitivas”, consideradas como “atrasadas” ou “abandonadas pela evolução” constituem formas de vida social originais: essas sociedades oferecem o único modelo para se compreender como os homens viveram juntos durante um período histórico que corresponde a 99% da duração da vida da humanidade. Do ponto de vista geográfico, ocuparam em três quartos da superfície habitada do globo. Elas ilustram, assim, um **denominador comum da condição humana** (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 18). Afirma-se com frequência que estas sociedades se opõem ao progresso e desenvolvimento. Há três fatores que podem explicar este comportamento: 1) a tendência das sociedades “primitivas” de preferir a unidade ao conflito; 2) o respeito às forças naturais; e 3) a recusa que têm em se envolver em um devir histórico (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 54). Mais ainda, a passividade que lhes recriminam certamente é decorrência do traumatismo consecutivo ao contato, e não uma condição originária.

Uma última astúcia da história aparece – os vencidos, em lugar de uma verdadeira história, formam uma ‘tradição como meio de recusa’. Uma história lenta dos vencidos é também uma forma de oposição, de resistência à história rápida dos vencedores. (...) Dupla lição para o historiador: por um lado, a tradição é com certeza história e, mesmo que transporte os despojos de um passado longínquo, ela é uma construção histórica relativamente recente, uma reação a um traumatismo político ou cultural e, na maior parte dos casos, aos dois simultaneamente; por outro lado, esta história lenta que encontramos

na cultura 'popular' é, com efeito, uma espécie de anti-história, na medida em que se opõe à história ostentatória e animada dos dominadores
(LE GOFF, 1992, p. 70 apud KRÜEGER, 2011, p. 50).

De fato, a presença dos brancos foi absorvida por mitos indígenas antes de 1500. Os brancos estavam previstos em uma estrutura constitutiva do pensamento indígena: toda posição é inseparável de sua contraposição. No mito tupinambá, a criação dos índios implica a criação dos não-índios; ou, tomando-se as coisas pela outra ponta, o fato da existência dos brancos é posto como constitutivo do fato da existência dos índios. As posições de 'si' e de 'outrem' fluem pelo mito desde muito antes do ano de 1500: criadores e criaturas, humanos e não-humanos, parentes e inimigos, e assim por diante. Esta lógica de "abertura ao outro" se manifestou, diz Lévi-Strauss, desde os primeiros contatos com os brancos. Infelizmente, o outro (nós) tinha toda uma outra ideia do que devia ser o outro (BASQUES, 2012).

Por esta razão, Lévi-Strauss faz uma distinção entre as sociedades "frias" e "quentes". As primeiras, "primitivas", privilegiam a harmonia interna e temem o efeito que os fatores históricos podem ocasionar sobre seu equilíbrio e continuidade. Têm um tempo "preguiçoso": param, dividem, recuperam, reencontram, recompõem. As segundas, "modernas", rápidas e movimentadas, interiorizam resolutamente o devir histórico e fazem dele o motor de seu desenvolvimento (2016, p. 273).

A lógica do Norte, enfim, é cega às realidades do Sul, consideradas por ela como atraso, arcaísmo, preguiça. O pensamento do Norte é feito para tratar os problemas de organização técnicos, práticos e quantificáveis, ou seja, a prosa da vida. Acontece que a vida humana não comporta apenas a prosa. (...) A prosa nos faz sobreviver. Viver significa, entretanto, viver poeticamente, isto é, no amor, na comunhão, na realização de si, na alegria e, no limite, na êxtase. Retomo aqui a expressão de Hölderlin: 'Poeticamente o homem habita a Terra'. Na realidade, habitamos a Terra prosaica e poeticamente. A prosa tende, porém, a invadir nossa vida. Será que o pensamento do Sul teria como missão relembrar unicamente o caráter essencial da poesia do viver?

- MORIN, 2011a p. 17

O chefe da Igreja Católica faz uma inflexão na lógica cartesiana e ocidental ao externar seu desejo de uma Igreja “com rosto amazônico e um rosto indígena” (Encontro com os povos da Amazônia em Puerto Maldonado, Peru, janeiro 2018). No Fórum dos Povos Indígenas (fevereiro 2019) o Papa Francisco se reuniu com representantes de 31 povos indígenas do mundo inteiro. Disse-lhes que a presença deles “mostra que as questões ambientais são de extrema importância” porque o nosso planeta “está ferido por causa da avarice humana, pelos conflitos bélicos”, que dão origem a “catástrofes naturais que deixam rastros de penúria e devastação (VATICAN NEWS, 2019)”. Ele faz ainda um apelo para a “espiritualidade ecológica” que cultiva toda a criação e todas as “espécies companheiras” (TEIXEIRA, 2019)³⁴.

A Ecologia Integral faz parte das culturas indígenas. Por conseguinte, os povos indígenas oferecem à sociedade não indígena a herança de uma educação e espiritualidade integral. As tentativas sistêmicas de destruir essa herança, que é orientada para a vida de todos e não para o lucro de particulares, constituem o conflito básico entre duas visões do mundo (SUESS, 2015)³⁵.

Embora o movimento ambientalista não seja um movimento religioso, há vários pontos de contato entre ambos. Segundo Lisboa (2009: 101), ambos têm a percepção de que a natureza e a humanidade são mais do que um conjunto de propriedades materiais, e, portanto, têm uma forte **rejeição à visão materialista dominante**. Participantes da ECO-92 comentaram que o evento mais simbólico da conferência ambiental foi a **vigília inter-religiosa** da qual participaram Dom Luciano Mendes de Almeida, Dom Helder Câmara e o Dalai Lama (*ibid.*). A palavra "sínodo" vem do grego “*sýnodos*” e quer dizer “reunião”. Em ato inter-religioso anterior ao Sínodo da Amazônia, estiveram presentes

³⁴ *Florescer na complexidade. Entrevista especial com Faustino Teixeira*. 23/12/2019
<http://www.ihu.unisinos.br/595339-florescer-na-complexidade-entrevista-especial-com-faustino-teixeira>.
Acesso: 20/1/2020

³⁵ *Os ecos de Laudato Si' e o discurso do Papa Francisco no Encontro dos Movimentos Populares em Santa Cruz de la Sierra*. 9/8/2015
<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/545434-os-ecos-de-laudato-si-e-o-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-dos-movimentos-populares-em-santa-cruz-de-la-sierra> Acesso: 20/1/2020

representantes do judaísmo, da fé evangélica, budismo, kardecismo e do candomblé (Brasil de Fato, 2019). A figura do Papa Francisco traz à tona religiosos que têm a colegialidade e a integração dos saberes outros na maneira de interpretação da fé. O Sínodo da Amazônia e a *Laudato Si'* podem ser vistas como pedras angulares no esforço inter-religioso e transdisciplinar na luta contra a devastação ambiental e espiritual dos povos.

Muitos povos amazônicos são constitutivamente dialógicos e comunicativos. Existe um amplo e necessário campo de diálogo entre as espiritualidades, crenças e religiões amazônicas, que exige uma abordagem cordial das diferentes culturas³⁶ (Dom José Luis Azcona, Bispo Emérito de Marajó).

Quando o Papa Francisco convoca o Sínodo, (...) ele chama ao diálogo. (...)

A Igreja vai ouvir a voz daqueles e daquelas que nunca tiveram voz. São vozes dignas de manifestação do Evangelho de Cristo que liberta os pequenos e oprimidos. São vozes da Pan-Amazônia clamando em nosso tempo. Quem tiver ouvidos abertos para os clamores e anúncios ouvirá a boa mensagem de Jesus, o Cristo, em graça e fé ecumênica.”

- Pastor Inácio Lemke³⁷, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC)

“Aprendemos a abandonar nossas ideias pré-concebidas sobre a região (...) e a interpretar os sinais de morte de modelos econômicos, culturais, religiosos e políticos de extrativismos intensivos e predatórios: muitas vezes não levantamos nossa voz profética na defesa de povos, espécies e territórios frente aos megaprojetos na região, financiados com capital local e global promotores da crise climática” –(Declaração “Somos Amazônia”)³⁸.

O Sínodo da Amazônia e seus desdobramentos são resultado de uma metodologia inovadora proposta e aplicada pelo Papa Francisco. Nunca antes

³⁶ *Instrumento de trabalho do Sínodo iguala cristianismo a demais religiões, denuncia Dom Azcona.* <https://www.acidigital.com/noticias/instrumento-de-trabalho-do-sinodo-igual-a-cristianismo-a-dema-religioes-denuncia-dom-azcona-38214> Acesso: 20/1/2020

³⁷ *Sínodo da Amazônia: Entrevista com o Pr. Inácio Lemke* (21/10/2019). <https://www.conic.org.br/portal/noticias> Acesso: 20/1/2020

³⁸ Declaração “Somos La Amazonia”. (2019) https://www.conic.org.br/portal/files/CartaSomosLaAmazonia_port.pdf Para mais recursos resultantes da ação, Ver: <https://conic.org.br/portal/noticias/3292-vigilia-ecumenica-de-solidariedade-e-justica-pela-amazonia> Acesso: 20/1/2020

na história tantas pessoas foram ouvidas para um evento desse tipo. De acordo com a Igreja, as escutas tiveram a participação de 87 mil pessoas em toda a Pan-Amazônia entre bispos, missionários, representantes de confissões cristãs, seculares e leigas, e representantes de quase todos os 390 povos indígenas. O grupo de 30 peritos foi composto por experts ou especialistas em determinados assuntos, leigos ou não. Do Amazonas foi perito também o padre indígena Justino Sarmiento Rezende³⁹.

Figura 2: Sínodo da Amazônia (outubro 2019)



Para Spadaro⁴⁰, Bergoglio identifica nas populações indígenas um ponto de partida necessário. Como uma Igreja pode entender a si mesma? De onde deve começar? Em Medellín (1968 “se redescobria uma igreja escondida, composta por reminiscências de mais de 2.600 povos nativos, com suas inúmeras línguas e tradições”. Depois, na Conferência de Santo Domingo

³⁹ Sínodo denuncia “ameaça à vida na Amazônia”, admite a ordenação de homens casados e maior participação das mulheres na Igreja Católica. 03/11/2019

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594056-sinodo-denuncia-ameaca-a-vida-na-amazonia-admite-a-ordenacao-de-homens-casados-e-maior-participacao-das-mulheres-na-igreja-catolica> Acesso: 20/1/2020

⁴⁰ No pensamento de Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires. A riqueza dos povos indígenas. 08/10/2019 <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593244-no-pensamento-de-bergoglio-arcebispo-de-buenos-aires-a-riqueza-dos-povos-indigenas> Acesso: 20/1/2020

(1992) se discutiu sobre a unidade e a pluralidade de culturas indígenas, afro-americanas e mestiças e foram dados passos à frente para reconhecer o continente latino-americano como um "continente multiétnico e pluricultural", com uma "visão de mundo de cada povo".

Aos irmãos e irmãs do movimento indígena latino-americano, deixem-me expressar a minha mais profunda estima e felicitá-los por procurarem a conjugação dos seus povos e culturas segundo **uma forma de convivência, a que eu chamo poliédrica, onde as partes conservam a sua identidade construindo, juntas, uma pluralidade que não atenta contra a unidade, mas fortalece-a**. A sua procura desta interculturalidade que conjuga a reafirmação dos direitos dos povos nativos com o respeito à integridade territorial dos Estados enriquece-nos e fortalece-nos a todos. (Papa Francisco - Discurso no Encontro Mundial dos Movimentos Populares, em Santa Cruz de la Sierra, 09-07-2015). (grifos nossos)

Neste Sínodo, tivemos a graça de escutar as vozes dos pobres e refletir sobre a precariedade das suas vidas, ameaçadas por modelos de progresso predatórios. E, no entanto, precisamente nesta situação, muitos nos testemunharam que **é possível olhar a realidade de modo diferente**, acolhendo-a de mãos abertas como uma dádiva, habitando na criação, não como meio a ser explorado, mas como casa a ser guardada.”(Papa Francisco, Discurso na Missa encerramento do Sínodo da Amazônia, 27/10/2019)⁴¹ (grifos nossos)

Serres, por sua vez, lamenta que o Ocidente tenha transformado o mundo. “O maior acontecimento do século XX foi (...) o fim da agricultura, modeladora de condutas e culturas, ciências, vida social, corpos e religião. (...) Suas ações e sua existência [os agricultores] não mais pilotam a humanidade, não a induzem ao humanismo, não lhe oferecem mais contextos de espaço e tempo (2003, p. 83)”. Esta “ruptura agrária” correspondeu também a uma ruptura dos corpos.

Se estas rupturas conseguiram mudar as relações do homem com a nutrição e com a reprodução, as relações consigo mesmo e com os outros (...) com a paisagem, (...) não teriam também conseguido transformar o homem? (SERRES, 2003, p. 85).

⁴¹ *Íntegra da homilia do Papa na missa de encerramento do Sínodo para a Pan-amazônia. 27/ 10/ 2019*
<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-10/integra-homilia-papa-francisco-missa-encerramento-sinodo.html>. Acesso: 20/1/2020

Para Serres, essas rupturas produzidas pelas ciências “duras” atingiram tanto a natureza dos homens como a do mundo. Côncio do “excesso antropocêntrico” (LS, 116), o Papa Francisco faz um chamado à religação das relações humanas, da natureza e cultura, do *logos* e da religião. Chamando atenção para temas como a justiça social, os 3 “T’s” - “terra, teto e trabalho” – Francisco almeja sobretudo uma mudança comportamental. Ele já pediu a cardeais e autoridades do Vaticano que não ajam “como príncipes” (FERRAZ, 2019, p. 11). Ele clamou aos padres a conhecer a realidade local e a vida das pessoas que lhes são confiadas, e “a sentir o cheiro das ovelhas”⁴². O *Instrumentum Laboris* do Sínodo para a Amazônia diz que o mundo indígena pode ter ressonância e ajudar na conversão ecológica da Igreja e do planeta, uma vez que mostra valores que o mundo moderno não tem. “Trata-se de fazer com que a realidade amazônica saia da Amazônia e tenha **repercussão planetária** (Ibidem, p. 56)”.

Vários povos originários dão nomes de animais a povos estrangeiros, de acordo com seu comportamento, caráter e físico. Os povos da família linguística Karib nomeia “Povo dos Sapos” os índios que têm pernas longas e ventre inchado; os homens Bugios aqueles que têm barba, e assim por diante (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 13). Para os Waiwai, da família Karib, a união entre quadrúpedes machos e abutres fêmeas gerou os índios sedentários. Os gambás machos e mulheres humanas produziram índios caçadores de aves de grande porte. Já os quatis machos e abutres fêmeas deram origem às tribos estrangeiras. Algumas cutias machos geraram índios estrangeiros selvagens e cruéis (Ibidem, pp. 13-14). Para os Guarayo do rio Madre de Diós, algumas espécies nocivas de animais são transformações diretas de humanos (Ibidem, p. 14).

⁴² *Instrumentum Laboris* do Sínodo para a Amazônia “Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral”. <http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html> Acesso: 20/1/2020

Em alguns mitos, o porco-do-mato de boca branca tem origem humana, “truculenta, barulhenta, gregária; organiza sua defesa coletivamente e pode opor ao caçador uma temível resistência” (GILMORE 1950, p. 382 apud LÉVI-STRAUSS 2004, pp. 112-113). Outros relacionam os antepassados das queixadas a humanos que se mostraram “desumanos” (LÉVI-STRAUSS 2004, p. 112). Entre os povos do rio Negro, o trovão vomitou os indivíduos hostis às tribos: o Branco e o Padre Pãrökumu e Kéhiri (1995, p. 37) apud Krüeger, (2011, p. 77).

Povos originários afastados - da América do Sul à do Norte - elaboraram narrativas míticas que se conectam e dialogam entre si. Um mito não existe isoladamente, ele está relacionado com outros mitos. A sua interpretação somente se torna possível quando analisado conjuntamente com outros grupos de mitos que lhes são próximos. “É como se nas duas Américas, acompanhando as montanhas, houvesse uma trilha arcaica, ao longo do qual tivessem sido depositados vestígios das mesmas crenças e das mesmas representações (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 21)”.

Phýsis (em grego Φύσις, "Natureza") na mitologia grega, era a divindade primordial da natureza, símbolo de força de vida e de movimento. Na mitologia romana é chamada de *Natura*. Atribuem-lhe ambos os sexos, e geralmente era identificada com Gaia (a Mãe-Terra), com Eros (Amor ou Procriação), com Fanes (Luz) ou Tésis (a Criação)⁴³. A noção de *Phýsis* foi limitada e despojada progressivamente de tudo o que ela tomava ainda do mito. Concebido como mecanismo, o mundo esvaziou-se pouco a pouco do divino que o animava entre os primeiros físicos. Na mesma ocasião, colocou-se o problema da origem do movimento: o divino concentrava-se fora da natureza, em oposição a ela (VERNANT, 1990, pp. 450-451). O homem se separa então

⁴³PHUSIS : Greek protogenos goddess of nature ; mythology : PHYSIS, NATURA». <https://www.theoi.com/Protogenos/Phusis.html> Acesso: 20/1/2020

dos objetos, dessacralizados e manipuláveis a bel-prazer (BASTIDE, 2006, p. 100).

À medida que a natureza fica reduzida a um agregado de objetos construídos ou manipulados pela ciência e pela técnica, à medida, portanto, que vai desaparecendo a antiga piedade cósmica e que o homem se instala em sua solidão no meio de tudo aquilo que é, a história se impõe enquanto único cosmo no qual o homem pode se situar, se conhecer e se reconhecer” (PAPAIONANANNOU apud BASTIDE, 2006, p. 100)

Ou: o homem compreende melhor e de outro modo o que ele próprio construiu (VERNANT, 1990, p. 451).

Sem o mito, a água passa a ser somente H₂O; o vento, fonte de energia colonizada a serviço das necessidades materiais; “e a mulher, tão somente uma mulher (BASTIDE, 2006, pp. 100- 101)”. Nesse sentido, os indígenas ainda se configuram como os grandes filósofos na compreensão do cosmos e na conexão com a *Phýsis*. Muitos povos indígenas foram trazidos/ levados pelos seres aquáticos: Cobra de Pedra, Piro Porã, Wai Massa. Eles acreditam que Deus está nas águas, pois elas geram vidas, fecundam a criação e saciam a sede. Os indígenas da região do Alto rio Negro fazem seus rituais de acordo com o ciclo da vida humana e da natureza⁴⁴.

Para os Tukanos, os espíritos estão nas águas paradas, nos lagos, nos chavascals, no lodo, nos alagados, nos igapós. Para eles eram seres invisíveis, mas a ciência lhes mostrou que são micro-organismos invisíveis a olho nu, visíveis com microscópios: bactérias, vírus, ácaros, protozoários, algas e fungos. Os mitos indígenas conectam o comportamento humano aos

⁴⁴ Os depoimentos a seguir foram colhidos no Seminário Ecumênico “Água como bem comum: desafios para os povos da América Latina e Caribe”, realizado durante o Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA), em abril de 2018 em Brasília. O FAMA foi resultado de uma ampla articulação de organizações da sociedade civil em resposta ao Fórum Mundial da Água - um encontro promovido por grandes grupos econômicos para avançar no controle privado de fontes naturais e serviços públicos de água. A convocatória para o FAMA denunciou a ofensiva de interesses privados e realizou um chamado para a unificação das iniciativas de resistência, para discutir a defesa do acesso democrático à água e de comunidades afetadas por conflitos hídricos (TANAKA, 2019, p. 180)..

fenômenos cósmicos, astronômicos e meteorológicos. O xamanismo e os rituais servem para assegurar o cuidado e a manutenção de uma ordem cósmica – ou mesmo da condição humana – que deve se manter afinada, como um instrumento musical: em equilíbrio (BASQUES, 2012). Lévi-Strauss sugeria que a análise dos mitos era comparável à de uma grande partitura. “Como as partes instrumentais de uma obra musical, e de assemelhar seu estudo [do mito] ao de uma sinfonia (2004, p. 48)”. Para ele, ambas linguagens transcendem, cada uma a seu modo, o plano da linguagem articulada.

Ambas são, na verdade, máquinas de suprimir o tempo. Abaixo dos sons e dos ritmos, a música opera sobre um terreno bruto, que é o tempo fisiológico do ouvinte; tempo irremediavelmente diacrônico porque irreversível, do qual ela transmuta, no entanto, o segmento que foi consagrado a escutá-la numa totalidade sincrônica e fechada sobre si mesma.

A audição da obra musical, em razão de sua organização interna, imobiliza, portanto, o tempo que passa; como uma toalha fustigada pelo vento, atinge-o e dobra-o. De modo que ao ouvirmos música, e enquanto a escutamos, atingimos uma espécie de imortalidade. Vê-se assim como a música se assemelha ao mito, que também supera a antinomia de um tempo histórico e findo, e de uma estrutura permanente. (Lévi-Strauss, 2004, p.35)”.

Os mitos seriam, assim, uma narrativa do mundo, a dança do universo. Por isso, a degradação da natureza é sentida espiritual e fisicamente nos povos originários. “*Com as águas morrem muitos rituais, muitas cerimônias, morrem muitos povos* (Padre Justino Resende, Tukano)⁴⁵”.

As montanhas, os riachos, as fontes e os charcos não são para ele (o indígena) apenas aspectos da paisagem (...) Cada um deles foi obra de um dos ancestrais de que descende. Na paisagem que o circunda, ele lê a história dos fatos e gestos dos seres imortais que ele venera; seres que, por um breve instante, ainda podem assumir a forma humana: (...) como pais, avôs, irmãos, mães e irmãs.

⁴⁵ O padre indígena Justino Resende foi escolhido como um dos 30 peritos no processo de construção do Sínodo da Amazônia. O grupo foi composto por especialistas em determinados assuntos, leigos ou não. Os peritos auxiliaram na construção do documento final “Conversão”, entregue ao Papa e que dará origem a uma encíclica que orientará as ações da Igreja na Amazônia. Fonte:

<http://www.ihu.unisinos.br/594056-sinodo-denuncia-ameaca-a-vida-na-amazonia-admite-a-ordenacao-de-homens-casados-e-maior-participacao-das-mulheres-na-igreja-catolica> Acesso: 20/1/2020

Todo o país é para ele como uma árvore genealógica antiga e sempre viva. Cada indígena concebe a história de seu antepassado totêmico como uma relação de suas próprias ações no início dos tempos e na própria aurora da vida, quando o mundo, tal como é hoje conhecido, estava ainda entregue às mãos todo-poderosas que o modelavam e o formavam (STREHLOW, 1947, pp. 30-31 apud LÉVI-STRAUSS 2016, p. 284).

*Sou fluido e gesto
na paisagem radiante
que estas águas anunciam
além do pólen e da luz.
Como sede no deserto
assim me quero água:
retratando a fauna entristecida,
refazendo a flora devastada”
Simão Pessoa: “Rio Negro”
(PORANDUBAS apud KRÜGER, 2011, p.21).*

As histórias sagradas dos Tukano relacionam a água a Opekātaro (lago de leite). O nome original do povo é Utãpinopona, “Filho da Cobra de Pedra”, a cobra que os trouxe de dentro da água. A água para eles é “leite da vida”, Toko Taro, a origem da vida. Os mesmos nomes, Opekātaro e Toko Taro são utilizados para se referir ao útero materno. Assim como o útero materno gera vida, assim também o mundo das águas é o útero do Universo. Por causa disto, para eles, foram as mulheres que trouxeram a água para o plano da Terra:

As águas geram vidas e mortes também, são belas, fortes, traiçoeiras e perigosas também como qualquer um de nós. Água é vida, tem sentimento, fica alegre, fica triste, e morre também.” (Padre Justino Resende, Rede Eclesial Panamazônica - REPAM), Tukano.

O rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1995: 781 apud KRÜGER, 2011, p. 155)

Para os Aimara, a água está em três espaços: acima do céu, junto às nuvens e na Terra sob a forma da chuva (transformada, por sua vez, em rios, lagos e oceano. Por isso é tida como “água da vida”). Guarda-se a água em tinhas de cerâmica porque ela respira, dá energia e tem seu próprio espírito (Umamace). A água cura. Logo, é interdito “aprisionar” o espírito da água em uma garrafa. A água é utilizada tanto para consumo como para banhos com ervas naturais para tirar as más energias, problemas circulatórios e mesmo

para sintomas da menopausa. Os sonhos com a água são simbólicos e proféticos: a água cristalina significa saúde; atravessar um rio quando se está doente significa cura e esperança; águas turvas anunciam doenças e penas.

“Na cultura Aimara nós dizemos que a água é o leite da mãe Terra ou o sangue da mãe Terra ou a veia da mãe Terra. A água é o dom gratuito de Deus.”
- Vicenta Mamani, teóloga metodista aimara (Bolívia)

Um mito Jivaro, por sua vez, relaciona justamente a argila – *nui* - à mulher. Os jivaro relacionam a criação do mundo como um trabalho de ceramista: a abóboda celeste é uma grande tigela azul de cerâmica. Em suas histórias sagradas, foi com o barro que o criador fez a Lua, que se casou com o Sol, e é com argila que ela modela um filho, *Nuhi* (cf. *Nui*, “argila”), que foi destruído pelo engole-vento. O cadáver de *Nuhi* se transformou na terra que vivemos (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 32).

“Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.” (LS, 2).

Ainda no mesmo mito, Sol e Lua geraram ainda o Preguiça, o Boto, o Caititu e a Mandioca. Depois se tornaram estéreis, e receberam dois ovos. De um deles saiu Mika. Mika é a padroeira da cerâmica. Cabe à índia fabricar os recipientes de cerâmica e utilizá-los, pois, a argila de que são feitos é fêmea, como a terra – tem alma de mulher. Há também a proximidade fonética entre *nui* (argila) e *nua* (mulher). No pensamento indígena, a argila é uma mulher (KARSTEN apud LÉVI-STRAUSS, 1985, pp. 32-33).

Os mitos se pensam nos homens e à sua revelia.
(LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 31).

Nesse sentido, os mitos nos obrigam a pensar além do Cristianismo. A cosmovisão andina interpreta o mundo desde a integralidade, desde a interconexão, desde a interdependência de todos: Opostos se integram para se construir e não para destruir. O conceito andino de *Pachamama* engloba essa

cosmovisão. A palavra *Pachamama* vem de dois vocábulos quíchuas: *pacha* que significa dono do tempo e do espaço, onde a vida e a história têm lugar (MAMANI, 2018).

A *Pacha* é tudo o que existe no Universo onde tudo está conectado e entrelaçado, é a realidade sem bifurcações. E *mama* é uma palavra de muitos sentidos semânticos que se refere ao que nos dá a vida, que nos cura, nos protege e nos alimenta, por isso que o mundo, para os andinos, a *Pachamama* é o princípio que descreve a origem e a preservação da vida em sua máxima expressão. Por isso, a crise da água significa uma profunda crise de valores que a tudo afeta (Idem).

Novamente, são as mulheres que mais padecem com o uso comercial da água por uma “elite onipotente e egoísta” (Discurso do Papa na ONU, setembro 2015): são elas que destinam várias horas do dia para obter água pura para alimentar e banhar suas famílias e que têm acesso direto à água contaminada. Segundo a ONU (2018), cerca de 30% da população mundial - 844 milhões de pessoas - não tem acesso adequado a água limpa e a serviços de saneamento⁴⁶. A América Latina e Caribe é uma das regiões mais ricas e ao mesmo tempo mais desiguais do mundo. A região sul-americana possui 33% de recursos hídricos renováveis do globo mas não tem acesso universal à água. Tudo isso contrasta com o valor sagrado da água para todas as religiões, como fonte de vida e fruto da Criação divina de caráter purificador e unificador. É imprescindível reivindicar o sentido da importância que tem o deus

⁴⁶ A água configura-se, neste cenário, no motivo primeiro e mais básico de desigualdade. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, adotada pela ONU em setembro de 2015, estabelece o 6º. Objetivo (ODS 6): Até 2030, **ampliar a cooperação internacional** e o apoio à capacitação para os países em desenvolvimento em programas relacionados à água e saneamento; Apoiar e **fortalecer a participação das comunidades locais**; reduzindo a poluição, eliminando despejo e **minimizando a liberação de produtos químicos** e materiais perigosos, reduzindo à metade a proporção de águas não tratadas.; reduzir substancialmente o número de pessoas que sofrem com a escassez de água. Ver: **Objetivo 6 da Agenda 2030 “Água Potável e Saneamento”**. <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods6/> Acesso: 20/1/2020

Sol, a mãe Terra e a mãe Água para a espiritualidade indígena. O chamado para o cuidado com o planeta e seus recursos naturais, ou, em outras palavras, com a Criação, está presente em muitos textos sagrados. No Cristianismo, a água é o elemento simbólico que concretiza a filiação no batismo, e a proteção de fontes de água é um compromisso com a própria amorosidade divina. Em religiões de matriz africana (e indígena, como vimos) a água também está presente em rituais de iniciação e purificação como elemento que entrelaça o material e o espiritual (TANAKA, 2019, p. 179.)

No Equador e Bolívia, os princípios do *buen vivir* (bom viver) inspirados nas culturas ancestrais entraram na Constituição. No Equador a natureza aparece como um sujeito de direitos, o que significa uma declaração histórica para o meio ambiente a nível mundial. É necessário destacar que os direitos da natureza em relação aos direitos conferidos à espécie humana gozam a mesma hierarquia e são interdependentes. O *bom viver* é uma proposta que nasce dos povos originários como estratégia de uma vida em comum. O *bom viver* é uma alternativa que frente as ideias do desenvolvimento, é um conceito de bem-estar coletivo que emergiu com força no discurso pós-colonial. O bom viver é a vida em plenitude, é saber viver em harmonia e equilíbrio com os ciclos da mãe Terra da vida e da história. Implica primeiro em saber viver para depois conviver. Não se pode viver bem se os demais vivem mal ou se causa danos à mãe natureza. Viver bem significa compreender que a deterioração de alguma espécie é a deterioração de um povo (MAMANI, 2018) .

O bom viver possui treze princípios, o número 13 coloca a água como mãe e diz: saber dar e saber receber, reconhecer que a vida é a união do mundo de muitos seres e muitas forças, na vida tudo flui, recebemos e damos a interação das duas forças que gera vida, tem que saber dar com bênçãos, saber dar agradecendo por tudo o que recebemos, receber o brilho do pai Sol, a força da mãe Terra, fluir como a mãe Água e todos os que a vida nos dá.”
-(MAMANI, 2018)

Em 27 de outubro de 2019, o Papa Francisco encerrou a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica, na Basílica de São Pedro (Roma, Itália). O documento final, denominado “Conversão”, trata

da ordenação de homens casados, os *virī probatī*, (com 128 votos a favor e 41 contra); e a ampliação da participação feminina, das mulheres diaconisa (137 votos a favor e 30 contra). Além disso, o documento critica a exploração econômica que provoca a destruição da Floresta Amazônica e promove os conflitos socioambientais. Também propõe um diálogo ecumênico, inter-religioso e cultural na região que compreende nove países onde vivem mais de 33 milhões pessoas, incluindo cerca de 2,5 milhões de indígenas⁴⁷.

No capítulo “A presença e a hora da mulher”, o documento “Conversão” discorre sobre uma presença feminina “mais incisiva” na Igreja. “A sabedoria dos povos ancestrais afirma que a Mãe Terra tem um rosto feminino. No mundo indígena e ocidental, as mulheres são ‘uma presença viva e responsável na promoção humana’. Valorizamos “o papel das mulheres, reconhecendo seu papel fundamental na formação e continuidade das culturas, na espiritualidade, nas comunidades e famílias. O Sínodo pede que a voz das mulheres seja ouvida, que sejam consultadas, participem de modo mais incisivo na tomada de decisões, contribuam para a sinodalidade eclesial, assumam com maior força sua liderança dentro da Igreja, nos conselhos pastorais ou ‘também nas instâncias de governo” (Ibidem, p.101) (grifos nossos).

Somente uma **Igreja** missionária inserida e **inculturada** apresentará as igrejas indígenas particulares, **com rostos e corações amazônicos**, enraizados nas culturas e tradições do povo, unidos na mesma fé em Cristo e diversificados em seu modo de viver, expressar e celebrar” (Ibidem, p. 42). (grifos nossos)

⁴⁷ Sínodo denuncia “ameaça à vida na Amazônia”, admite a ordenação de homens casados e maior participação das mulheres na Igreja Católica.3/11/2019
<http://www.ihu.unisinos.br/594056-sinodo-denuncia-ameaca-a-vida-na-amazonia-admite-a-ordenacao-de-homens-casados-e-maior-participacao-das-mulheres-na-igreja-catolica> Acesso: 20/1/2020

2.1 A TERRA SEM MAL E A HIPERPOLÍTICA

La Boétie, em “O Discurso da Servidão Voluntária” (2006), tratou dos motivos da desnaturação do homem ao abdicar de sua liberdade e o porquê da eterna reprodução da servidão. Orientando de Lévi-Strauss nos anos 60, Pierre Clastres aprofunda La Boétie ao investigar a origem deste processo - a negação da liberdade – que ele identifica com a origem do Estado (TIBLE, 2018, p. 156). No artigo “Liberdade, mau encontro, inominável”, Clastres argumenta que não houve uma passagem progressiva, e sim uma **ruptura**: “um acidente trágico, infelicidade inaugural cujos efeitos não cessam de se amplificar a ponto de se abolir a memória de antes, a ponto de o amor à servidão substituir o desejo da liberdade” (1976, p 155 apud TIBLE, 2018, p. 157).

Clastres (2015) considera que todos povos civilizados foram primeiramente selvagens e se pergunta, então, o que fez com que o Estado fosse inevitável. “Por que os povos deixaram de ser selvagens? (217-218)”. Denominando um “mistério de origem”, ele se debruça sobre as condições de seu não aparecimento e investiga o espaço do político nas sociedades sem Estado (Ibidem).

La Boétie (2006, p. 6) lamentou “ver milhões de homens a servir (...) dominados e encantados apenas pelo nome de **um só** homem cujo poder não deveria assustá-los, visto que é **um só (...)**” (grifos nossos). Quase meio século depois, em uma floresta do Paraguai, um velho xamã guarani transmitiu as palavras de Tupã (Deus) a seu povo: “ As coisas em sua totalidade são uma: e para nós que não desejamos isso, elas são más.” (CLASTRES, 2015, p. 185).

No pensamento selvagem, portanto, o “Um” é o nome do Imperfeito, **o “Um” é o mal**, e é também a propriedade das coisas do mundo. Os ameríndios sabiam deste modo que o mundo era imperfeito e que habitavam uma Terra “má”. Eles viviam em busca da *ywy Mara-ey*, a Terra sem Mal, “onde a existência, curada de sua ferida existencial, se desdobraria em um horizonte **liberta do Um** (Ibidem, p. 186)” (grifos nossos).

Os primeiros descobridores do Brasil chamavam os índios Tupinambá de “gente sem fé, sem lei, sem rei” cujos chefes não tinham poder (Ibidem, p. 33). No entanto, havia sim poder político entre os ameríndios, mas que, ao contrário do arranjo ocidental, não se baseava na relação comando/obediência. A mais notável característica do chefe indígena era a ausência quase completa de autoridade (2015, p. 47). Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos* (1955), constata a frágil autoridade dos Nhambiquara: a palavra chefe para eles, *uilikandé*, significa “o que une” (Tible, 2018, p. 163).

No outro lado do planeta, os Gahuku-Kama, da Nova Guiné, repartem as responsabilidades políticas entre o chefe e o orador. O chefe intervém para apaziguar, pacificar e obter soluções intermediárias. A coesão social e o bom entendimento no interior do grupo são considerados preferíveis a qualquer inovação (Lévi-Strauss, 2013: 353). O jogo de futebol, entre eles, termina, não como entre nós, quando há um vencedor, mas quando se tem certeza de que não haverá perdedor (READ, 1959, p. 429 apud LÉVI-STRAUSS, 2013, p 352).

Contrariamente ao tirano ocidental, o líder ameríndio precisa ter três condições para tanto: ser generoso, um bom orador e um “fazedor de paz”, ou seja, assegurar a paz social e harmonia do grupo.

Os índios apreciam muito bem as palavras: o talento oratório é uma condição e também um meio do poder político. Numerosas são as tribos onde o chefe deve todos os dias, na aurora ou no crepúsculo, recompensar com um discurso edificante as pessoas de seu grupo: os chefes pilaga, xerente, tupinambá, exortam todos os dias o seu povo a viver segundo a tradição (...). O tema habitual dessas arengas é a paz, a harmonia e a honestidade, virtudes recomendadas a todas as pessoas da tribo (STEWART, 1948, p. 343 apud CLASTRES, 2013, p. 50).

Sloterdijk descreve este tempo primitivo como paleopolítica. Para ele, “a paleopolítica contém a mais antiga gramática de pertença (1993, p. 27)”. Ele associa as hordas primitivas a um *soundscape* de um grupo: “uma paisagem sonora que atrai para si seus membros como para o interior de um globo terrestre psicoacústico (1993, p. 25)”. Ele identifica as sociedades mais antigas como “uma pequena e tagarela esfera mágica” onde “todo indivíduo está

continuamente ligado (...) ao corpo sonoro do grupo”. Pertencer-se, para ele, não significaria outra coisa que “ouvir juntos” (Ibidem.).

Na *Laudato Si'*, Papa Francisco cita o mestre espiritual Ali Al-Khawwas que fala sobre aqueles que procuram o êxtase na música:

«Há um “segredo” subtil em cada um dos movimentos e dos sons deste mundo. Os iniciados chegam a captar o que dizem o vento que sopra, as árvores que se curvam, a água que corre, as moscas que zunem, as portas que rangem, o canto dos pássaros, o dedilhar de cordas, o silvo da flauta, o suspiro dos enfermos, o gemido dos aflitos...» [Eva De Vitray-Meyerovitch (ed.), *Anthologie du soufisme* (Paris 1978), 200] apud LS (nota 159).

No *Ensaio sobre a origem das línguas*, Rousseau diz que nenhuma forma de expressão é mais apta a recusar a oposição cartesiana entre material x espiritual e alma x corpo do que a música. “Quando *ouço* música, eu *me escuto* através dela, e, por uma inversão da relação entre alma e corpo, a música *vive* em mim (apud LÉVI-STRAUSS, 2013, pp. 50-51)” (grifos no original).

O desígnio do compositor se atualiza, como o do mito, através do ouvinte e por ele. Em ambos os casos, observa-se com efeito a mesma inversão da relação entre o emissor e o receptor, pois é, afinal, o segundo que se vê significado pela mensagem do primeiro: a música se *vive* em mim, eu me *ouço* através dela. O mito e a obra musical aparecem, assim, como regentes de orquestra cujos ouvintes são os silenciosos executores (Lévi-Strauss, 2013, pp. 36-37)

Sloterdijk aponta uma “catástrofe antropológica” da grande civilização, “destruidora de almas (1993, p. 48)”. Na sociedade de classes, as pessoas se aproximam das outras na medida em que se tornam cada vez mais estranhas umas às outras: o que as conecta é a “estranheza íntima de senhor e servo (*ibid.*)”. Completamente alijado do conceito de comunidade, este indivíduo da era industrial para Sloterdijk é o “último homem”: ele é individualizado a tal ponto que termina como consumidor final de si mesmo e suas chances (1993, p. 89). Portanto, para ele, estes indivíduos seriam tanto “Novos” como “Últimos” porque se auto-exterminariam.

Ele vislumbra, então, uma “hiperpolítica”, que tenta definir como um retorno à política com o desaparecimento do Estado. Uma tentativa de

restaurar a “arte de pertencer ao coletivo (1993, pp. 15-16)”. Ele aposta numa sociedade hiperpolítica que faça uma aposta no aperfeiçoamento do mundo, que aprenda a transformar seus ganhos de tal forma que depois dela ainda poderá haver ganhadores. Isso pressupõe, para ele, que a hiperpolítica se torne “a continuação da paleolítica por outros meios” (1993, p. 92).

De fato, ao final da era terciária, a seca fez a floresta recuar dando lugar à savana. O primeiro destino da hominização supostamente ocorreu nesta fase. O bipedismo venceria os problemas da sobrevivência na savana de um modo original em comparação com os babuínos. Desta forma, a hominização teve início com uma catástrofe ecológica (MORIN, 1975, pp. 63-64). Os expulsos das florestas, para encontrar a solução revolucionária de sua própria sobrevivência, precisariam transformar-se em um “mutante das savanas (Idem).

Já no mito Dessana, há a analogia de um animal (serpente) não apenas com a cosmo gênese, mas com a própria história, a “Casa dos Homens”. Em diferentes mitologias, ao final de um período, ocorre um cataclismo que destrói a humanidade. Entretanto, há sempre um retorno à vida. A Uróboro, serpente que morde a própria cauda, simboliza o “perpétuo retorno, o círculo indefinido dos renascimentos, a repetição contínua (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1995, p. 923 apud KRÜEGER, 2011, p. 91)”.

Voltando-se sobre si mesma, em circunferência, designa a serpente o curso do tempo ou a eternidade (HOLANDA, 1977, pp. 192-193 apud KRÜEGER, 2011, pp. 90-91).

Para Serres (2005, p. 118), são os novos sujeitos que irão conceber sua própria hominescência: eles serão responsáveis diretos pelo advento de uma sociedade-mundo solidária, regeneradora do planeta, de nossa Casa comum. Em suma, são o começo de uma nova humanidade, onde o homem é tão descentrado – livre do **Um** - que pode dar lugar, enfim, ao humanismo. Os gregos chamam a qualidade humana que se realiza no discurso da amizade de

philantropia, “amor dos homens”: uma vez que se manifesta numa presteza em partilhar o mundo com outros homens (ARENDDT, 2017, p. 34).

Igualmente, a potência das sociedades selvagens reside na recusa do Um. Como utopia, portanto, podemos vislumbrar uma “hiperpolítica” onde o indivíduo tenha a vontade de “não deixar escapar fora de seu ser nada que possa alterá-lo, corrompê-lo ou dissolvê-lo (CLASTRES, 2015, p. 211)”, numa “esfera acústica”, intacta (SLOTERDIJK, 1993, p. 25), livre:

O Bem não é múltiplo, mas o *dois*, ao mesmo tempo o um e o seu outro, o *dois* que designa verdadeiramente os seres completos. *Ywy Mara-ey*, a destinação dos **Últimos Homens**, não abriga mais homens, não abriga mais deuses: somente iguais, deuses-homens, homens-deuses, tais que nenhum dentre deles se diz segundo o Um (CLASTRES, 2015, p. 188) (grifos nossos).

CAPITULO 3 – PAPA FRANCISCO : POR UMA NOVA EPISTEMOLOGIA DO SUL?

“Sou argentino. Tango e futebol são obrigatórios.”

Jonathan Price como Papa Francisco em ‘Os Dois Papas’. Direção: Fernando Meirelles (2019).

Há um crescente número de pesquisadores que advogam que há uma “teoria” ou um “pensamento” do Sul. Há várias terminologias utilizadas para definir a geografia mundial. Para as Nações Unidas, há o “Norte/Sul”; Raúl Prebisch cunhou o “centro/periferia” (1946); do Orientalismo e seus críticos o “Ocidente/ Oriente”; da teoria da dependência os “desenvolvidos/subdesenvolvidos”; do imperialismo francês “metrópole/ colônia”; e da Guerra Fria “Primeiro Mundo/ Terceiro Mundo” (CONNELL, 2007, p. 212). Utilizamos aqui tanto a terminologia “Norte/Sul”, reforçando a referência ao “Sul Global”, ou seja, todos aqueles fora do eixo da Euro-américa, assim como o “centro/ periferia”.

O pensamento complexo concebe a existência, no entanto, de vários “suis”, muito diferentes uns dos outros, mas que são submetidos à concepção única vinda do Norte, “do atraso, do subdesenvolvimento, do imperativo do desenvolvimento e da modernização (MORIN, 2011a, p. 10)”. Essa visão impede perceber que nos “suis” existem qualidades, virtudes, artes de viver e modos de conhecimento que deveriam ser apropriados e propagados pelos “nortes”. Para chegar à plena consciência dessas qualidades e virtudes seria preciso um Pensamento do Sul, elaborado a partir das experiências desses diversos “suis”.

Por mais diferentes que sejam, todas elas comportam modos míticos ou religiosos de integração no cosmo e na natureza, dos quais devemos extrair a verdade profunda e ligá-la à nossa nova consciência ecológica, que reconhece nossa integração na biosfera, algo que o devir da mundialização continua a degradar, impulsionado pelo norte (...) Ao reunir e conjugar todas essas heranças culturais, um Pensamento do Sul é capaz de realizar uma nova e grande problematização. (MORIN, 2011a p. 9-12)

A sociologia nasceu como um meio de interpretação da nova sociedade industrial europeia no marco da expansão imperial ocidental (BOTTOMORE, 1987 apud CONNELL, 2007, p. 6). A ciência social euro-americana tendeu a tratar a modernidade como inseparável do *Aufklärung* (da era da razão iluminista); e assim o moderno tem sua *fons et origo* (expressão em latim que significa “fonte e origem”) no Ocidente (COMAROFF, 2011, p. 2). Neste marco, a constituição do pensamento clássico ocidental representou igualmente a obliteração das experiências e práticas da periferia. Na Índia colonial, por exemplo, a sociologia nasceu como “antropologia”.

O pensamento moderno ocidental deslegitima as formas de conhecimento produzidas no Sul, o ‘outro’: “há crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos (SOUZA SANTOS e MENESES, 2009, pp. 23-25)”. As epistemologias do Sul, pelo contrário, legitimam os saberes ‘outros’ incluindo, depois de reconfiguradas, as experiências de conhecimento do Norte (SOUZA SANTOS e MENESES, 2014). Advogam uma nova “geopolítica do conhecimento (CONNELL, 2007)”. Nesse sentido, para resgatar este “apagamento” epistemológico, uma das tarefas é revisar as relações entre a periferia e o centro, a fim de permitir a (re)construção de um processo compartilhado de conhecimento (Ibidem, p. 213).

Meneses (2008) analisa que a problemática da pós-colonialidade⁴⁸ deve passar por uma revisão crítica dos conceitos hegemonicamente definidos pela racionalidade moderna a partir de outra perspectiva. Ela elenca as exigências para esta revisão crítica:

⁴⁸ A teoria pós-colonial tem como “fundadores” Aimé Césaire e Franz Fanon, nos anos 50 e 60, seguidos por Edward Said, Gayatri Spivak e Homi Bhabha nos anos 80 com os temas de raça, etnicidade, identidade, colonialismo e estruturas globais (Go, 2013: 25-26) e logo o “Buen Vivir” andino (Quijano, 1991).

A histórica, ou seja, a necessidade de repensar todos os passados e perspectivas futuras à luz de outras perspectivas, que não as do Norte global; a ontológica, que passa pela renegociação das definições do ser e dos seus sentidos; e, finalmente, a epistêmica, que contesta a compreensão exclusiva e imperial do conhecimento, desafiando o privilégio epistêmico do Norte global (Idem)

A ideia inicial deste projeto de pesquisa em 2014, chamava-se “A desobediência epistêmica do Papa Francisco: a reabilitação da Teologia da Libertação (TL)”. Um dos postulados era que a TL seria uma Teoria do Sul que o Papa corajosamente teria abraçado em seu papado, resgatando o Concílio Vaticano II (iremos explicitar este ponto mais adiante). No entanto, com o passar dos anos, Francisco foi cada vez mais além: lançou a *Laudato Si'*, foi a conferências da ONU com chefes de Estado, a conferências do clima, a Cuba⁴⁹, a centros de refugiados, reuniu-se com movimentos populares e sociais da América Latina, foi a Ásia e África. E, finalmente, tornou-se selvagem: reclama hoje uma Igreja “com rosto indígena e amazônico”. Nesse panorama, seria o Papa Francisco o emissário de um novo pensamento do Sul? “Eco-menismo”?

Para Morin, em seu manifesto por um pensamento do Sul (2011a, p. 20), a característica de uma crise é que ela contém perigos enormes de regressão e destruição, mas, também, encerra as chances de imaginação criativa, de diagnóstico pertinente, de elaboração de um caminho para a saída.

Tomo o exemplo das células-tronco como metáfora para dizer que as capacidades geradoras dormem nas sociedades e despertam em épocas de crise. Além do mais, em toda sociedade rígida, normalizada, em que as mentes são quase todas **domesticadas**, elas existem e podem despertar nos indivíduos desviantes: poetas, escritores, músicos, descobridores, *bricoleurs*. Essas capacidades criativas podem, então, despertar com a crise e com o perigo. Existe, igualmente, a aspiração à harmonia, que permeia toda a história da humanidade (...) A aspiração à harmonia foi expressa nos paraísos

⁴⁹ O caso de maior êxito em uma intermediação do Pontífice talvez tenha sido na reaproximação política entre Cuba e EUA, em 2015, quando ele foi um importante articulador para o encontro em Havana entre Raúl Castro e Barack Obama. (Ferraz, Lucio (2019, p. 11). Valor Econômico, 22/1/2019)

cristãos e muçulmanos. (...) Ela se manifestou nas revoltas juvenis de maio de 68 e voltará a se manifestar de qualquer outro modo. Em minha opinião, essa aspiração ainda vai suscitar outras regenerações". (MORIN, 2011a : pp. 20- 21) (grifos nossos)

3.1 TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: UM APANHADO HISTÓRICO

Na Conferência Geral do Episcopado latino-americano de Medellín, em 1968, os bispos determinaram que a Igreja Católica deveria afirmar sua opção pelos pobres “contra sua pobreza e a favor de sua vida e liberdade (BOFF, 1986)”. Este movimento foi oficialmente intitulado “Teologia da Libertação” (TL) pelo bispo peruano Gustavo Gutiérrez (1971). A TL desenvolveu-se nas condições de capitalismo dependente, pobreza em massa e religiosidade popular, além do impacto da Revolução Cubana e dos movimentos de independência anticoloniais.

A Teologia da Libertação nasceu da concepção, dentro da Igreja Católica, que a instituição sempre foi alinhada com a filosofia apostólica romana. Entendia-se que o processo de colonização e evangelização dos séculos passados fora comandado por uma compreensão eurocêntrica da Igreja (LIBÂNIO, 1995, p. 314). O processo de abertura e de “desocidentalização” da Igreja originou-se no Concílio Vaticano II (1962-1965). Neste período, o então Papa João XXIII havia publicado suas encíclicas *Mater et magistra* (1961) e *Pacem in terris* (1963) que almejava abrir a Igreja para o fenômeno da “socialização” e para os grandes sinais dos tempos⁵⁰: a ascensão econômico-social das classes trabalhadoras, a promoção da mulher e a liquidação das formas de dominação colonial (Ibidem, p. 298).

⁵⁰ Na bula *Humana e salutis* (25.12.1961), o Papa insiste na abertura: "Fazendo nosso apelo de Jesus pedindo que se seja atento aos 'sinais dos tempos' - Mt 16,4 -, parece-nos perceber, no meio de tantas trevas, indícios numerosos que levam a augurar futuro à Igreja e à humanidade (Libânio 1995: 315)".

Löwy (2000) analisou as relações entre religião, política e sociedade na América Latina na metade do século XX e interpretou o “cristianismo de libertação” a partir da sociologia de Marx e Weber. Para o autor, a Teologia da Libertação poderia ser compreendida como uma “afinidade eletiva” entre a ética religiosa e a utopia social (2000, p. 63). Löwy reconhece que a TL é uma mistura de teorias e pensamentos do Norte e do Sul, de autores tão díspares como Bloch, Althusser, Marcuse, Lukács, Gramsci, Lefebvre, Goldmann e Mandel (2000, p. 122). Contudo, afirma que as referências europeias são “menos importantes que as latino-americanas”: o peruano José Carlos Mariátegui como fonte de marxismo original “indo-americano”, a revolução cubana e a teoria da dependência, crítica ao capitalismo dependente - Fernando Henrique Cardoso, Gunder Frank, Theotônio dos Santos e Quijano (Idem).

O brasileiro Hugo Assmann foi um dos primeiros teólogos da libertação que recorreu às ciências sociais como mediação do discurso teológico. Sua obra é interdisciplinar e ecumênica, transitando entre economia, as ciências sociais, a comunicação e a pedagogia. Foi um crítico dos pressupostos teológicos do capitalismo liberal e da absolutização do mercado que impunha “o sacrifício de vidas humanas” (LIBÂNIO, 2008).

Como vimos no Capítulo 1, Boff foi o primeiro teólogo que integrou a ecologia na teologia da libertação, articulando o grito dos pobres com o grito da Terra. Até a publicação de “Os limites do crescimento” (1972), segundo ele, o oprimido era pensado “dentro de um horizonte histórico-social mais estrito” (1996, p. 165).

O pobre transforma-se em sujeito histórico de sua própria libertação; ele se faz um livre capaz de autodeterminar-se para a solidariedade com o outro diferente dele para serem juntos livres numa sociedade mais justa, fraterna e ecologicamente integrada (BOFF, 1996, p. 170).

O marxismo pareceu aos teólogos da libertação como a única teoria capaz de oferecer uma análise precisa das causas da pobreza, e uma proposição radical do método para sua abolição. No entanto, a TL rejeitou os aspectos do marxismo incompatíveis com a religião cristã: o ateísmo, o

materialismo cosmológico e a crítica da alienação religiosa, por exemplo (LÖWY, 1989). Seu procedimento consiste na *incorporação seletiva* dos aspectos da teoria marxista congruentes com seu combate pela renovação da teologia e interpretação do Evangelho. Certos teólogos da libertação apresentam sua relação com o marxismo em termos utilitários: trata-se de um *instrumento científico*, uma ferramenta analítica, *uma ciência social que pode e deve ser utilizada como mediação sócio analítica* (LÖWY, 1989). De todas formas, a TL incorporou a ciência marxista e a ressignificou no contexto social e político da América Latina. O que a TL fez seria precisamente a definição de uma teoria do Sul: adaptar a episteme clássica ocidental aos contextos e especificidades “indígenas” (ALATAS, 1995). Os teólogos da libertação advogavam por uma maior abertura da Igreja Católica, “onde a herança ocidental europeia não é recalçada, mas despertada e promovida de modo novo (J. B. METZ apud LIBÂNIO 1995, p. 315)”.

Um exemplo concreto da adaptação do conhecimento clássico ocidental ao contexto periférico foi a Pedagogia do Oprimido (Freire, 1996). O intelectual sardenho Antônio Gramsci tecia críticas à Igreja Católica por deixar os “simples” em seu senso comum primitivo e por criar grupos intelectuais seletos ao invés de promover o progresso intelectual das massas. Para ele, a filosofia da práxis, tal como ele denomina o marxismo, deveria ser a dialética entre a cultura popular e a alta cultura, correspondendo ao nexos “Reforma Protestante + Revolução Francesa (1992: 733)”. Assim, Gramsci orientava o marxismo para uma reforma (além da econômica) “intelectual e moral” das sociedades modernas. No entanto, Gramsci não viveu para ver o trabalho da Igreja Católica na América Latina em sua tentativa de construção de um “bloco intelectual moral” entre os pobres e simples. As ideias de Gramsci influenciaram práticas de educação popular, tais como métodos de conscientização de Paulo Freire. A “Pedagogia do Oprimido” foi usada nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nas pastorais sociais e nos movimentos políticos de libertação (Boff, 2011).

Gramsci escreveu que a filosofia da práxis deve ser “uma crítica do senso comum baseando-se, inicialmente, no próprio senso comum para demonstrar que ‘todos’ são filósofos e que não se trata de introduzir uma nova forma científica de pensamento sobre a vida individual, mas sim de inovar e de tornar crítica e coerente a atividade já existente (GRAMSCI, 1992, pp. 637-638)”. Freire visava tornar os indivíduos capazes de pensar criticamente por si próprios e a questionar e mudar o *status quo*. Para ele, o processo de conscientização deve despertar o espírito crítico nos oprimidos e encorajá-los à ação prática e transformadora:

A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece (FREIRE, 1996, p. 26)

Nos anos 70, o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda expressava o chamado a uma “descolonização das ciências sociais” para evidenciar que a dependência era, sobretudo, epistemológica, e, por isso, também econômica e política (2009 apud MIGNOLO 2014, p. 588). As críticas de Fals Borda se juntaram com as vozes dos teóricos da dependência e filósofos e teólogos da libertação (MIGNOLO 2014, p. 588). O sociólogo venezuelano Edgard Lander (1998 apud MIGNOLO 2014, p. 587), insere a Teologia da Libertação dentro de uma gama de novos conceitos que emergiram na América Latina (tais como heterogeneidade estrutural, colonialismo interno, dependência, descolonialidade e pedagogia do oprimido) na fronteira entre as genealogias locais de pensamento (“não-científicas”) e as ciências sociais. Neste período emergiu o debate da “indigenização” das ciências sociais ou da “descolonização do conhecimento” (ALATAS, p. 1995).

A indigenização refere-se à conscientização de vários intelectuais não-ocidentais de seu papel na produção de conhecimento sócio científico e conceitos que fossem derivados de suas próprias experiências histórias e

práticas culturais (ALATAS, 1993). No marco deste processo, tomou força a discussão sobre a “sacralização das ciências sociais” e a “islamização do conhecimento”, que trouxesse de volta a experiência religiosa e a espiritualidade ao discurso acadêmico (ALATAS, 1995, pp. 89-90). (Ver também SITAS, 2006, GO, 2013, pp. 39-40, MIGNOLO, 2014, p. 595).

Os estudos pós-coloniais não constituem propriamente uma matriz teórica única. Trata-se de uma variedade de contribuições com orientações distintas, mas que apresentam como característica comum o esforço de esboçar, pelo método da desconstrução dos essencialismos, uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes de modernidade (COSTA, 2006, p. 117).

Neste arcabouço teórico, podemos argumentar que a Teologia da Libertação contém características de uma teoria ou Pensamento do Sul: foi a primeira teologia histórica que nasceu na periferia do cristianismo e distante dos centros metropolitanos de pensamento (LÖWY, 2000) que utilizou o marxismo, uma ciência social ocidental, para interpretar e modificar a questão social.

As teorias do Sul são sincréticas: são uma fusão de conceitos, conhecimentos e análises do Norte e do Sul com as experiências e especificidades do Sul Global. A modernidade/ colonialidade criou zonas de contato que nunca pressupuseram um contato entre iguais. Nesse sentido, uma Teoria do Sul seria um “pensamento de fronteira” (*border thinking*) entre ambos os lados das zonas (MIGNOLO, 2014, p. 594). O *border thinking* compraz uma ampla ontologia nos campos filosófico, antropológico, sociológico e político e, também, espiritual. Ressaltamos que não se trata de rejeitar em bloco a lógica do Norte, mas, ao contrário, de “aclimatar” o que vem de lá. “Trata-se de integrar suas contribuições benéficas, recusar seus aspectos perversos e nocivos e, sobretudo, recusar sua hegemonia (MORIN, 2011a, p. 17)”.

A encíclica *Laudato Si'* resgata os ecos da TL ao clamar pelo cuidado de nossa “casa comum” através da “mudança de paradigma do ser humano como Terra”, atentando ao “grito da Terra e do grito dos pobres” (PAPA

FRANCISCO, 2015; BOFF, 1996) sobre as mudanças climáticas e a desigualdade social. A Teologia da Libertação, assim como a *Laudato Si'*, se inscrevem nesta categoria de “pensamentos de fronteira”, pois sincretizam – “aclimatam” - o que há de mais avançado no mundo científico ocidental com o ambientalismo espiritual dos povos originários do Sul e a mediação das ciências sociais como ferramenta de análise. Uma das hipóteses que levantamos é que o “Ecomenismo” do Papa é uma teoria “fundamentada” (*grounded theory*), ou seja, “um esforço contextualizado historicamente que interpreta a produção de fatos sociais e culturais por meio de um contraponto metodológico ‘imaginativo’, entre o indutivo e o dedutivo, o concreto e o conceito” (COMAROFF, 2011, pp. 48-49; MBEMBE, 2012). Para tanto, devemos situá-lo no momento histórico em que está inserida: o fortalecimento da extrema direita mundial, a emergência socioambiental, a crescente desigualdade social intra e entre os países do Norte e do Sul, os migrantes internacionais que fogem da guerra, da devastação ambiental e da fome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns setores mais conservadores da Igreja Católica e outros como a Renovação Carismática Católica chegaram a afirmar que a Teologia da Libertação estava em declínio nas últimas décadas. Dom Odilio Scherer afirmou que “como todos os movimentos, (a TL) teve um momento de nascer, de crescer, de enfraquecer e de desaparecer (apud COSTA, 2011)”. No entanto, o Papa Francisco foi formado na Teologia do Povo, uma ramificação da TL que se afastou das influências marxistas - não se falava, ali, em luta de classes, por exemplo - se aproximando de uma “cultura latinoamericana”. O jesuíta argentino Scannone, que foi professor de Bergoglio, diz que a imagem que o Papa Francisco tem do povo é uma “figura poliédrica” onde cada cultura tem algo para aportar à humanidade com respeito às diferenças (Idem).

Na verdade, a Teologia do Povo é anterior à TL durante o Concílio Vaticano II, na Faculdade Franciscana de Petrópolis, em 1964, de especialistas conciliares que tinha entre seus objetivos o exame do ponto de vista teológico da Igreja latino-americana. Entre os pioneiros que participaram, estavam o peruano Gustavo Gutiérrez, o uruguaio Juan Luis Segundo e Lucio Gera. “Em 1968, antes de Medellín, Gutiérrez proferiu a palestra intitulada “*Rumo a uma teologia da libertação*”, dando assim um nome à reflexão teológica então emergente no clima do concílio, aplicado à nossa América. Aquela linguagem e aquela perspectiva foram aceitas na Conferência de Medellín (1968)” (SCANNONE, 2014).⁵¹ Daí nasceu a teologia argentina do povo: distanciando-se do liberalismo e do marxismo, encontrou sua própria definição conceitual na história latino-americana e argentina com categorias como “povo” e “anti-povo”, “povos” e “impérios”, “cultura popular”, “religiosidade popular” e assim por diante (Idem). Na Teologia do Povo, os pobres devem ser olhados sob uma

⁵¹ *As raízes do Papa Francisco. O Concílio Vaticano II na América Latina*. L'Osservatore Romano, 29-03-2014. <http://www.ihu.unisinos.br/529800-a-teologia-do-povo-na-argentina-tudo-comecou-em-petropolis> Acesso: 20/1/2020

mística: o pobre é empobrecido. Logo, a opção por eles é determinante: “Nenhuma hermenêutica tem o direito de recusá-la” (PASSOS, 2019). Para Scannone, “assim como a teologia latino-americana da época”, a Teologia do Povo foi influenciada pela Teoria da dependência: “mas esta foi entendida não tanto no âmbito econômico quanto no da dominação política (imperial), que inclui a econômica, enquadrando tanto na linha evangélica de libertação integral do pecado, como também de suas consequências sociais e estruturais” (SCANNONE, 2014).

O tema dos pobres segundo o Papa Francisco é ponto essencial de convergência entre seu magistério, o ensino social da Igreja e a Teologia do Povo. Nesses três casos não se trata de uma mera teoria, mas de sua encarnação em práticas existenciais e sociais (inclusive estruturais), que fazem realidade a 'encarnação do Evangelho' e a 'revolução da ternura' (EG 88) (Op. cit)⁵²

Quando Francisco assume, torna-se mais radical, assim como o Papa João XXIII em seu espírito renovador no Concílio Vaticano II (LÖWY, 2019)⁵³. Em sua primeira viagem oficial, a Lampedusa, ele condena a “globalização da indiferença” que “nos tirou a capacidade de chorar”⁵⁴.

«Quem chorou?» Quem chorou hoje no mundo? (...) Senhor, fazei que hoje ouçamos também as tuas perguntas: «Adão, onde estás?» «Onde está o sangue do teu irmão?». VIAGEM A LAMPEDUSA. SANTA MISSA PELAS VÍTIMAS DOS NAUFRÁGIOS (idem)

A missão do Pensamento do Sul seria restaurar o singular: não dissolvê-lo num universal abstrato, mas integrá-lo no universal concreto que liga a unidade à diversidade (Morin, 2011a, p. 19). É um pensamento que se empenha em

⁵² *Morre o jesuíta Juan Carlos Scannone, um dos fundadores da Teologia do Povo e da Filosofia da Libertação.* 28/11/2019.

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594705-morre-o-jesuita-juan-carlos-scannone-um-dos-fundadores-da-teologia-do-povo-e-da-filosofia-da-libertacao> Acesso: 20/1/2020

⁵³ Anotações no seminário “A Teologia do Papa” com Michael Löwy e João Décio Passos. Auditório da Biblioteca PUC-SP, 24/10/19.

Anotações no seminário “Papa Francisco: Da indiferença à solidariedade”. Pastoral Universitária PUC-SP. 19/9/2019.

⁵⁴ HOMILIA DO SANTO PADRE FRANCISCO. Campo Desportivo "Arena" na Localidade Salina. 8 de Julho de 2013. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html Acesso: 20/1/2020

restaurar uma nova solidariedade planetária: uma religião da fraternidade humana no sentido de Terra-pátria (ibidem).

Enquanto ele (Umukosurãpanami) vinha subindo, o terceiro Trovão desceu neste grande lago na forma de uma jiboia gigantesca. A cabeça da cobra se parecia com a proa de uma lancha. Para eles, parecia um grande navio a vapor que se chamava Pamurigahsiru, isto é, ‘Canoa da Futura Humanidade’ ou ‘Canoa da Transformação’. Umukosurãpanami e Umukomahsü Boreka, o chefe dos Dessana, vieram como comandantes desta cobra- canoa” (mito Dessana, Rio Negro, Amazonas) (PĀRŌKUMU & KĒHĪRI, 1995, p. 29 apud KRÜEGER, 2011, pp. 74- 75)

Ele também recebeu Gutiérrez - um gesto visto por alguns, na época, como “um passo para a reabilitação total da Teologia da Libertação” (PERU21, 2013) – e canonizou Oscar Romero, expoentes da TL. Na Bolívia, foi a primeira vez que um Papa se reuniu com movimentos sociais. Seu discurso foi claro e contundente contra o capital, que chamou do “esterco do diabo” – indo além, portanto, da Teologia do Povo (LÖWY, 2019).

Löwy (2019) reconhece o caráter antisistêmico *Laudato Si'*, mas argumenta que o Papa não havia apontado os atores / agentes de mudança para enfrentar a miséria e destruição da Casa Comum – ainda que tenha apontado os responsáveis por isso: “o sistema de relações comerciais estruturalmente perverso” (LS 52) cuja única finalidade é a maximização dos lucros (LS 109) e especulação (LS 171). Contudo, os discursos do Papa vão complementando seus argumentos. Ele incorpora o “cristianismo de libertação” em que o pobre é sujeito e ator (LÖWY, 2019) em Santa Cruz de la Sierra, sobretudo:

Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos três “T” – entendido? – (trabalho, tecto, terra), e também na vossa participação como **protagonistas nos grandes**

processos de mudança, mudanças nacionais, mudanças regionais e mudanças mundiais. Não se acanhem!⁵⁵

Boff afirma que o Papa Francisco é tributário da experiência pastoral e teológica das igrejas latino-americanas à luz dos documentos do episcopado latino-americano (CELAM) de Medellín (1968), de Puebla (1979) e de Aparecida (2007) com a opção pelos pobres. Nesse sentido, o Papa Francisco resgata o espírito do Concílio Vaticano II incorporando de maneira enfática e transversalmente a consciência ambiental (LÖWY, 2019) que não era explicitada abertamente. Na época do Concílio Vaticano II, igualmente, as conjunturas política, econômica e cultural demandaram mudança e abertura da Igreja Católica. O teólogo alemão K. Rahner declarou:

Nos séculos XIX e XX a Igreja lentamente e às apalpadelas passou de uma Igreja potencial para realmente mundial, de uma Igreja ocidental europeia exportada (...) para uma Igreja mundial que, ainda que em graus diferentes, está presente no mundo inteiro e, na verdade, já não mais como mercadoria de exportação euro-norte-americana (RAHNER 1979 apud LIBÂNIO 1995, p. 315).

E, em 2015, Francisco professa:

E aqui quero deter-me num tema importante. É que alguém poderá, com direito, dizer: «Quando o Papa fala de colonialismo, esquece-se de certas acções da Igreja». Com pesar, vo-lo digo: Cometeram-se muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus. Reconheceram-no os meus antecessores, afirmou-o o CELAM, o Conselho Episcopal Latino-americano, e quero reafirmá-lo eu também. Como São João Paulo II, peço que a Igreja – e cito o que ele disse – «se ajoelhe diante de Deus e implore o perdão para os pecados passados e presentes dos seus filhos». E eu quero dizer-vos, quero ser muito claro, como foi São João Paulo II: Peço humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América. E junto com este pedido de perdão e para ser justos, também quero que **lembremos a milhares de sacerdotes, bispos, que fizeram oposição à lógica da espada com a força da**

⁵⁵ DISCURSO DO SANTO PADRE AO II ENCONTRO MUNDIAL DOS MOVIMENTOS POPULARES. Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) 9 de Julho de 2015 (grifos nossos) http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html Acesso: 20/1/2020

Cruz. Houve pecado, e pecado abundante, mas não pedimos perdão no passado. Por isso agora pedimos perdão, e peço perdão; mas também lá, onde houve pecado, onde abundou o pecado, superabundou a graça através destes homens que **defenderam a justiça dos povos originários**⁵⁶.

(...) Quero dizer-lhes novamente: O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. **Está fundamentalmente nas mãos dos povos**; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco. E cada um, repitamos a nós mesmos do fundo do coração: nenhuma família sem tecto, nenhum camponês sem-terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra. (idem)

De fato, o Sínodo da Amazônia colocou o conhecimento dos povos “primitivos” ou “sem história” no mesmo patamar epistemológico que o conhecimento ocidental.

Não vemos motivo para que os mitos do Rio Negro [Amazonas] sejam tidos em pouca conta. Trata-se da reflexão de um povo sobre a origem do universo, do homem, das coisas. Trata-se de interrogar a existência.

Muitos séculos antes, um outro povo, situado no hemisfério oposto, também refletiu sobre os mesmos problemas. Por uma série de decisões da História, tal livro, conhecido como *Bíblia*, é tido como sagrado”. (KRÜEGER, 2011, pp. 50-51). (grifos no original)

Francisco realiza, assim, um *aggiornamento* (atualização) do Concílio Vaticano II (PASSOS JR, 2019)⁵⁷. Ele continua regressando às fontes bíblicas fundamentando suas decisões (remete ao Evangelho da Criação na *Laudato Si'*), declara a opção preferencial pelos pobres, eleva a contribuição latino-americana – a Teologia do Povo, principalmente, e os ecos da TL – e,

⁵⁶ DISCURSO DO SANTO PADRE AO II ENCONTRO MUNDIAL DOS MOVIMENTOS POPULARES. Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) 9 de Julho de 2015 (grifos nossos)

⁵⁷ Anotações no seminário “Papa Francisco: Da indiferença à solidariedade”. Pastoral Universitária PUC-SP. 19/9/2019.

sobretudo, acolhe e não condena o mundo moderno ouvindo a ciência (Idem). “Jesus encarnado “em uma carne macia e não em um corpo petrificado: é o Cristo vivo” (ibidem).

A Santa Sé teve um papel crucial ao longo do século passado. Durante a Segunda Guerra Mundial, Pio XI foi o pivô da resistência a Hitler, estruturando redes de espionagem e de fuga de prisioneiros. João XXIII interveio junto a Kennedy e Kruschev para evitar a tragédia do fogo nuclear durante a crise cubana. Quanto a João Paulo II, sua ação para destruir o totalitarismo comunista foi decisiva, como reconheceu o próprio Gorbachev (Noé, 2019). Nesse sentido, desde os anos 80, quando João Paulo II ajudou a pôr fim à Guerra Fria, que o Vaticano não tinha tanto protagonismo na geopolítica mundial (FERRAZ, 2019, p. 11).

A Encíclica não precisava inventar a roda da reflexão ecológica. Ela se beneficia de preocupações prévias e conceitos socioecológicos já consolidados e os assume como linhas mestras (SUESS, 2015)⁵⁸:

1. O nexos essencial entre questões ecológicas e questões sociais (cf. LS 43). “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto” (LS 48) e exigem uma “ecologia integral” (LS 137ss).
2. O desenvolvimento subordinado ao lucro produziu a “cultura do descarte” (LS 16, 22, 43) e a deterioração da qualidade de vida.
3. Somente uma “ecologia humana” (LS 5, 148, 152, 155s), que antes de tudo deve ser uma “ecologia integral” (LS, cap. IV), pode frear a degradação socioambiental e climática. Ela exige “conversão ecológica” (LS 5, 216-221) e responsabilidade.
4. A “ecologia humana” é o cuidado da “casa comum” do planeta terra e é expressão vivencial e responsável do “bem comum” (LS 23ss, 156ss).

Uma das características de Francisco é, nesse sentido, uma “Igreja em saída”. “A Igreja precisa ir para o mundo: ir para as periferias existenciais e geográficas” (GAUDIUM, 2014)

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada, por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. **Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro**, e que acaba presa num

⁵⁸ SUESS (2015). Os ecos de Laudato Si’ e o discurso do Papa Francisco no Encontro dos Movimentos Populares em Santa Cruz de la Sierra. 9/8/2015
<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/545434-os-ecos-de-laudato-si-e-o-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-dos-movimentos-populares-em-santa-cruz-de-la-sierra> Acesso: 20/1/2020

emaranhado de obsessões e procedimentos” (Idem) (grifos nossos)

Nesta nova “geopolítica do conhecimento”, o Papa faz uma contribuição da América Latina no sentido universal de “consciência planetária”. Ele contribui à internacionalização das ciências sociais e da “descolonização do conhecimento”. Não somente abraça o *Buen Vivir* andino e o grito da Terra da Teologia da Libertação, mas apela a um sentido integral de ecologia na humanidade. Ele demonstra, intelectual e empiricamente, que a “indigenização” e a “sacralização” do conhecimento são necessárias sociologicamente para reformular e reconstruir analiticamente as formações históricas e dilemas da modernidade, objetivos mesmos da própria sociologia (GO, 2013, p. 28).

Nosso sistema encontra-se, portanto, condenado à morte ou à metamorfose. Claro, a metamorfose não se decreta. A metamorfose não se programa. (...) Então busquemos, busquemos os caminhos, caminhos improváveis, é verdade, mas possíveis, que permitirão caminhar na direção da metamorfose. Seria essa a missão grandiosa e universal do pensamento do Sul.” (MORIN, 2011a: p, 21).

Papa Francisco designa a globalização como a “geopolítica do poliedro”. Ele explica que a globalização não é um círculo, onde tudo se uniria e onde tudo seria equivalente, mas um poliedro: um mundo com muitas faces, muitas culturas, muitos interesses, onde todos veem as relações internacionais com seu próprio paradigma. (Noé, 2019).

Na medida em que a “ocidentalização do mundo” fomenta a exclusão social, degradação ambiental, radicalização e fundamentalismos, talvez a religião seja uma das poucas formas de resistência e refúgio. Nesse sentido, Francisco pratica uma “sociologia ecumênica” as especificidades ao absorver sociologias “outras” em seu arcabouço teórico. Assim, as ciências sociais podem se inspirar no “Eco-menismo” com o postulado de que os modelos explanatórios nativos e locais podem contribuir a um discurso universal, onde todas as filosofias, epistemologias, histórias e práticas culturais não-ocidentais sejam igualmente legítimas (ALATAS 1995, p. 91).

BIBLIOGRAFIA

ALATAS, Silas F. *The Sacralization of the Social Sciences: A Critique of an Emerging Theme*. Academic Discourse. Archives de sciences sociales des religions, 40e Année, No. 91, 1995, pp. 89-111.

_____. *The Sacralization of the Social Sciences: A Critique of an Emerging Theme*. Academic Discourse Source: Archives de sciences sociales des religions, 40e Année, No. 91, pp. 89-111.1995.

_____. *Indigenization and Social Sciences: The Role of Culture in Malaysian Development*. International and Inter-Agency Forum on Culture and Development, Seoul (Sept 20-22 1993), pp. 1-19. 1993

AMSTERDAM DECLARATION ON EARTH SYSTEM SCIENC. Disponível em: <http://www.igbp.net/about/history/2001amsterdamdeclarationonearthsystemscience.4.1b8ae20512db692f2a680001312.html>. 2001.

ARENDDT, Hannah. *Homens em Tempos Sombrios*. Tradução : Denise Bottman. São Paulo : Editora Schwarcz, 2017.

ASSMANN, Hugo & Sung, J. M. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BACON, Francis *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1979.

BASQUES, Messias. "Claude Lévi-Strauss e o mito da mitologia". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27 (79): 209-212, jun. 2012. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000200015>>.

BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*. Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cia. Da Letras, 2006.

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez Povo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

_____. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. São Paulo: Editora Ática 1995.

_____. *Os Quarenta Anos da Teologia da Libertação*. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>. 2005.

_____. *O Cântico das Criaturas*. Disponível em: http://www.franciscanos.org.br/?page_id=3124 . s/d.

BROWN, Lester R. et al. *A Mais bela história da Terra*. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro, 2001.

BRUM, Eliane. "A potência da primeira geração sem esperança". El País Brasil. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/05/politica/1559743351_956676.html. 2019.

BRUNTLAND REPORT. *Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future*. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. 1987.

CARVALHO, Edgard. Da crise ecológica ao pensamento complexo. Entrevista. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 03/08/2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6042-edgard-de-assis-carvalho-2>. 2015.

CENTER FOR INTERNATIONAL EARTH SCIENCE INFORMATION NETWORK (CIESIN). *Pathways of Understanding: The Interactions of Humanity and Global Environmental Change* http://www.ciesin.org/documents/CIESIN1992PathwaysofUnderstanding_sm.pdf. 1992.

CHAIA, Miguel. A natureza da política em Shakespeare e Maquiavel. *Estud. av.*, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 165-182. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100011&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000100011>. 1995.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. Tradução: Theo Santiago. São Paulo: Cosac Naify. 2015.

COMAROFF J. and Comaroff J. *Theory from the South: Or How Euro-America is Evolving Toward Africa*. London: Paradigm Publishers. 2011.

CONNELL, R. *Southern Theory: The Global Dynamics of Knowledge in Social Science*. Cambridge: Polity, 2007.

COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(60), 117-134. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000100007>. 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34. 2012.

DOM, Henrique, Soares, da Costa. *Teimam em gritar: a Teologia da Libertação está viva!* Disponível em: <http://www.domhenrique.com.br/index.php/analises/956-teimam-em-gritar-a-teologia-da-libertacao-esta-viva>, 2012.

VEIGA, José, Eli, da. *O Antropoceno e a Ciência do Sistema Terra*. São Paulo: Editora 34. 2019.

FERRAZ, Lucio. Valor Econômico. *Revista Sur* 29 - v.16 n.29 • 177 - 184 | 2019.

Ferreira, F. D. (2017). *Da salvação neste mundo à salvação deste mundo: a redescoberta da terra no catolicismo*. Instituto Humanitas Unisinos, Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/568823-da-salvacao-neste-mundo-a-salvacao-deste-mundo-a-redescoberta-da-terra-no-catolicismo2>. 2017.

Go, J. For a postcolonial sociology. *Theory and Society* 42(1): 25–55. 2013.

Griffiths, Trevor (1983) *'This Island's mine': Caliban and Colonialism* (JSTOR, Modern Humanities Research Association).

IPCC. *Special Report*. Global Warming of 1.5 °C. <https://www.ipcc.ch/sr15/> . 2018.

IPCC. *United in Science*. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/2019/09/22/united-in-science-report-climate-summit/>. 2019.

IPCC. *Climate Change and Land*. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/srccl/> . 2019b.

JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução: Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Editora Contraponto. 2006.

Krüeger, Marcos Frederico. *Amazônia. Mito e Literatura*. Manaus: Editora Valer, 2011.

LANGANEY et.al . *A Mais Bela História do Homem*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand. 2002.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução: Laymert. Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições. 2015.

LARAIA, Roque de Barros. Claude Lévi-Strauss, quatro décadas depois: as mitológicas. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 21, n. 60, p. 167-169, Feb. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000100010>.

Laudato si': a íntegra e um "guia" para a leitura da Encíclica. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, 18/06/2015 <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543659-laudato-si-um-qguiaq-para-a-leitura-da-enciclica-a-integra-do-texto>

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. Tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras. 2012.

_____. "O triângulo culinário".
<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/claude-levi-strauss-o-triangulo-culinario.pdf>. 1979.

_____. *Antropologia Estrutural Dois*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify. 2013.

_____. *O Cru e o Cozido*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naif. 2004.

_____. *Pensamento Selvagem*. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus Editora. 2016.

LIBÂNIO, Pe. J. B. "A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II. Chaves teológicas de leitura". In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 27, n. 73, p. 297-332. 1995.

_____. "Hugo Assmann (1933-2007)". *Revista IHU On-line*, São Leopoldo: Instituto Humanitas - Unisinos. 2008.

LISBOA, Marijane Vieira. *Ética e cidadania planetárias na Era tecnológica: O caso da Proibição da Basileia*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira. 2009.

_____. *Laudato Si': Uma abordagem do ponto de vista das ciências sociais*. In PASSOS, João Décio (org.) *Diálogos no Interior da Casa Comum: Recepções Interdisciplinares sobre a Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: EDUC. 2016.

LÖWY, Michael. *A Guerra dos Deuses: Religião e Política na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes. 2004.

_____. Marxismo e cristianismo na América Latina. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, (19), 05-22. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451989000400002> . 1989.

MEADOWS, DH et al. *The Limits to Growth: A report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind*. Londres: Earth Island. <https://www.clubofrome.org/report/the-limits-to-growth/>. 1972.

MENESES, Maria Paula (2008), *Mundos locais, mundo globais? desafios para outras leituras da diversidade do Sul*, in Cabecinhas, Rosa; Cunha, Luis (org.), *Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios..* Porto: Campo das Letras, 75-94.

MIGNOLO, W. Spirit out of bounds return to the East: the closing of the social sciences and the opening of independent thoughts. *Current Sociology*, 62 (4), pp. 584-682. 2014.

MODINO, Luis Miguel. O Sínodo para a Amazônia pode trazer “um novo estilo de liderança política no mundo”. Entrevista com Dom Oscar Ojea, presidente do episcopado argentino. Instituto Humanitas Unisinos, 17/9/2019. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/592625-o-sinodo-para-a-amazonia-pode-trazer-um-novo-estilo-de-lideranca-politica-no-mundo-entrevista-com-dom-oscar-ojea-presidente-do-episcopado-argentino>

MOORE, Jason. “Crisis. Ecological or World-Ecological?”. In Carolin Wiedemann and Soenke Zehle, eds. In: *Depletion Design: A Glossary of Network Ecologies*. Amsterdam: Institute of Network Cultures. 2012.

_____. ‘El auge de la ecología-mundo capitalista (i)’. *Laberinto*, Málaga, 38: 9-26. https://jasonwmoore.com/wp-content/uploads/2017/08/Moore-El_Auge_de_la_ecologia-mundo_capitalista__Part_I__Laberinto__2013.pdf 2013.

MORIN, Edgar O Enigma do homem: para uma nova antropologia. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar. 1975.

_____. *Entrevista ao programa Roda Viva / TV Cultura*. https://www.youtube.com/watch?v=jvGlwHFB5_s. 2000.

_____. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina. 2005.

_____. Para um Pensamento do Sul. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. *Anais do Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul*. Rio de Janeiro, SESC Nacional, pp 20/28. 2011a

_____. *O Método 6: Ética*. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2011b)

_____. Entrevista. “A *Laudato Si’* é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização”. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 23/06/2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543811-a-laudato-si-e-talvez-o-ato-numero-1-de-um-apelo-para-uma-nova-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>. 2015.

OZ, Amós. *De repente, nas profundezas do bosque*. São Paulo: Editora Schwarcz. 2019.

Papa Francisco (24 de maio 2015). Carta Encíclica *Laudato Si’*- Sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html . 2015.

_____. *Biografia* oficial. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html> . 2015.

PASSOS, João Décio (org.) *Diálogos no Interior da Casa Comum: Recepções Interdisciplinares sobre a Encíclica *Laudato Si’**. São Paulo: EDUC. 2016.

Pàl Perlbart, Peter. *Negros, judeus, palestinos: do monopólio do sofrimento*. In: *Percurso* 60 ano XXX – Junho. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo_view&ida=1292&ori=edicao&id_edicao=60. 2018.

PÃRÕKUMU & KÉHÍRI. Mito Dessana, (1995: 29) Apud Krüeger, 2011: 74- 75) Rio Negro, Amazonas. S/D.

PORANDUBAS. apud Krüger, Manaus: Editora Valer. 2011.

SERRES, Michel. *Entrevista ao Roda Viva / TV Cultura* (1999). <https://www.youtube.com/watch?v=Ga0J--SGA9U>. 1999.

_____. *Hominescências. O começo de uma outra humanidade?* Tradução: Edgard Carvalho e Mariza Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.

_____. *O Incandescente*. Tradução: Edgard Carvalho e Mariza Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005.

_____. *Variações sobre o corpo*. Tradução: Edgard Carvalho e Mariza Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

SHAKESPEARE, William (1623). *The Tempest*. Entire Play. Disponível em: <http://shakespeare.mit.edu/tempest/full.html>.

_____. *A Tempestade In: Grandes obras*. Vol. 2: Comédias. Org: Liana de Camargo Leão. Tradução: Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, págs.345-447. 2017.

SÍNODO DA AMAZÔNIA. *Instrumentum Laboris*. Disponível em: <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>. 2019.

SLOTERDIJK, Peter. *No Mesmo Barco – Ensaio sobre a Hiperpolítica*. 2ª. edição. Tradução: Claudia Cavalcanti. São Paulo: Editora Estação Liberdade. 1993.

SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (2014), *Introducción a las epistemologías del Sur*, in Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (org.), *Epistemologías del Sur*. Madrid: Alkal, 7-17

TANAKA, Sheila. Ecomenismo e Desigualdade. *Revista Sur* 29 - v.16 n.29 , pp.177 – 184, 2019.

TIBLE, Jean. *Marx selvagem*. São Paulo: Autonomia Literária. 2018.

UNESCO. *Antropoceno: os desafios essenciais de um debate científico*. Disponível em: <https://pt.unesco.org/courier/2018-2/antropoceno-os-desafios-essenciais-um-debate-cientifico>. 2018.

UNITED NATIONS CLIMATE CHANGE: *History of The Convention*. Disponível em: <https://unfccc.int/process/the-convention/history-of-the-convention>.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos : estudos de psicologia histórica. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990.

WALL, F. de . *A era da empatia*. Tradução: Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

ZALASIEWICZ, J. "*Science and society of the Anthropocene: Transition from the Holocene*". *Science, people & politics*, pp. 9-16, Edição 2 Abr. - Jul. V VIII. Disponível em: <http://www.sciencepeopleandpolitics.com/mag.html>. 2016.

PORTAIS ACESSADOS

ACORDO DE PARIS ANUNCIA NOVA ERA DE COMBATE A MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Deutsche Welle Brasil (2015)<https://www.dw.com/pt-br/acordo-de-paris-anuncia-nova-era-de-combate-a-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas/a-18913811>.

CAMPANHA DA ONU MEIO AMBIENTE VISA UNIR RELIGIÕES EM PROL DA CONSERVAÇÃO. NAÇÕES UNIDAS BRASIL (2019). <https://nacoesunidas.org/campanha-da-onu-meio-ambiente-visa-unir-religioes-em-prol-da-conservacao/>.

CUMPRIMENTO DO ACORDO DE PARIS REQUER COMPROMISSO DE TODOS, DIZ PAPA. Rádio Vaticano(2015). http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2015_12_13.html#Art_1194090.

DIPLOMACIA. O QUE O PAPA FRANCISCO ESTÁ FAZENDO? ENTREVISTA COM JEAN-BAPTISTE NOÉ (2019). <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595085-diplomacia-o-que-o-papa-francisco-esta-fazendo-entrevista-com-jean-baptiste-noe>

DISCURSO DO SANTO PADRE. Rádio Vaticano (2015). http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html.

'É UM SUPERPODER', DIZ GRETA THUNBERG SOBRE TER SÍNDROME DE ASPERGER. HuffPost Brasil (2019) https://www.huffpostbrasil.com/entry/greta-thunberg-asperger_br_5d6d992fe4b0110804536c37

ENCONTRO COM PAPA FRANCISCO. Geração Laudato Si' (2019). <https://laudatosigeneration.org/pt/2019/07/25/meeting-pope-francis-pt/>.

FLORESCER NA COMPLEXIDADE. ENTREVISTA ESPECIAL COM FAUSTINO TEIXEIRA. 23/12/2019

<http://www.ihu.unisinos.br/595339-florescer-na-complexidade-entrevista-especial-com-faustino-teixeira>. Acesso: 20/1/2020

INSTRUMENTO DE TRABALHO DO SÍNODO IGUALA CRISTIANISMO A DEMAIS RELIGIÕES, DENUNCIA DOM AZCONA. ACI Digital (2019) <https://www.acidigital.com/noticias/instrumento-de-trabalho-do-sinodo-igual-a-cristianismo-a-demais-religoes-denuncia-dom-azcona-38214>.

ÍNTEGRA DA HOMILIA DO PAPA NA MISSA DE ENCERRAMENTO DO SÍNODO PARA A PAN-AMAZÔNIA. 27/ 10/ 2019

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-10/integra-homilia-papa-francisco-missa-encerramento-sinodo.html>.

NO PENSAMENTO DE BERGOGLIO, ARCEBISPO DE BUENOS AIRES. A RIQUEZA DOS POVOS INDÍGENAS. (2019) <http://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/593244-no-pensamento-de-bergoglio-arcebispo-de-buenos-aires-a-riqueza-dos-povos-indigenas>

O DISCURSO DE GRETA SOBRE O CLIMA (Nexo Jornal 2019) <https://www.nexojornal.com.br/podcast/2019/09/23/O-discurso-de-Greta-Thunberg-sobre-o-clima-como-ousam>.

O PAPA ABRE O SÍNODO: POR E COM OS IRMÃOS NA AMAZÔNIA, CAMINHEMOS JUNTOS (2019) <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-10/papa-francisco-missa-abertura-sinodo-bispos-regiao-pan-amazonica.html>

OS ECOS DE LAUDATO SI' E O DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NO ENCONTRO DOS MOVIMENTOS POPULARES EM SANTA CRUZ DE LA SIERRA. 9/8/2015

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/545434-os-ecos-de-laudato-si-e-o-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-dos-movimentos-populares-em-santa-cruz-de-la-sierra> Acesso: 20/1/2020

PAPA CONSULTA BOFF PARA ESCREVER NOVA ENCÍCLICA (out/2014). <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2014/10/02/papa-consulta-boff-para-escrever-nova-enciclica.htm>.

MANIFESTANTES PROTESTAM EM GREVE GLOBAL PELO CLIMA. G1, 2019. <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/09/20/manifestantes-protestam-em-greve-global-pelo-clima-nesta-sexta.ghtml>

PAPA FRANCISCO CELEBRA MISSA DE CANONIZAÇÃO DO PAPA PAULO VI E ÓSCAR ROMERO (2018). <http://www.cnbb.org.br/papa-francisco-celebra-missa-de-canonizacao-do-papa-paulo-vi-e-oscar-romero/>.

PAPA FRANCISCO ENCONTRA GRETA THUNBERG. Catholic Climate Movement (2019) <https://catholicclimatemovement.global/pt/pope-francisc-meets-greta-thunberg-pt/> Greta tem síndrome de Asperger.

Laudato Si' Generation <https://laudatosigeneration.org/pt/about-pt/about-us-pt/>.

SÍNODO DENUNCIA “AMEAÇA À VIDA NA AMAZÔNIA”, ADMITE A ORDENAÇÃO DE HOMENS CASADOS E MAIOR PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA IGREJA CATÓLICA. 03/11/2019

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594056-sinodo-denuncia-ameaca-a-vida-na-amazonia-admite-a-ordenacao-de-homens-casados-e-maior-participacao-das-mulheres-na-igreja-catolica>